Adílio Junior de Souza
Maria Dálete Alves Lima
Mabell Sales Batista Pinho
(Orgs.)

ESCRITOS ANTIRRACISTAS

múltiplas perspectivas

Pedro & João editores

Escritos antirracistas: múltiplas perspectivas

Pedro & João editores
20 Años

Adílio Junior de Souza
Maria Dálete Alves Lima
Mabell Sales Batista Pinho
(Orgs.)

Escritos antirracistas: múltiplas perspectivas

20 Anos
Pedro & João editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Adílio Junior de Souza; Maria Dálete Alves Lima; Mabell Sales Batista Pinho [Orgs.]

Escritos antirracistas: múltiplas perspectivas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 136p. 16 x23 cm.

ISBN: 978-65-265-2034-5 [Digital]

1. Escritos antirracistas. 2. Relações étnico-raciais. 3. Vozes negras. 4. Negritude. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta
Arte da capa: Daniela Barreto
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7
Adílio Junior de Souza
Maria Dálete Alves Lima
Mabell Sales Batista Pinho

PENSANDO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL: UMA PROPOSTA DIDÁTICA ANTIRRACISTA 11
Mabell Sales Batista Pinho
Ana Paula Moraes Santos Souza

VOZES OPRIMIDAS: O TEATRO DAS OPRIMIDAS COMO UM ESPAÇO PARA EXPRESSÃO PARA DAS MULHERES NEGRAS .. 27
Thaillane de Souza Nobre

ENTRE PROTAGONISMO E COADJUVÂNCIA DAS MULHERES NEGRAS REPRESENTADAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO NOVO ENSINO MÉDIO (PNLD-2021) 47
Dinajilas Gomes de Melo Santos
Cicera Mônica Rodrigues da Silva

UM ESTUDO SOBRE OS AFRICANISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA 73
Francisca Sabrina Cordeiro de Oliveira
Adílio Junior de Souza

ITAN: ENTRE O MITO E A LENDA 105
Daniela Barreto de Souza
Adílio Junior de Souza

SOBRE OS AUTORES 131

SOBRE OS ORGANIZADORES 135

APRESENTAÇÃO

A obra *Escritos antirracistas: múltiplas perspectivas* que hoje apresentamos é o resultado da partilha e diálogo com pesquisadores da Universidade Regional do Cariri – URCA durante os anos de 2024 e 2025. Desde o primeiro momento tínhamos a intenção de unir estudos que tratassem da temática antirracista e, também, de pesquisas que abordassem outros temas dentro da área de estudos que podemos definir como de vertente "linguístico-africanas".

Nesse sentido, esta coletânea se dividiu em cinco capítulos. O primeiro, cujo título é, *Pensando relações étnico-raciais a partir da literatura infantil: uma proposta didática antirracista*, de autoria de Mabell Sales Batista Pinho e Ana Paula Moraes Santos Souza, apresenta alguns tensionamentos teóricos acerca das relações étnico-raciais na educação infantil. As autoras afirmam que, mesmo após vinte anos da implementação da lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira" nas escolas de educação básica, urge-se ainda a necessidade de contribuir para a efetivação permanente dessa importante lei. O capítulo ainda considera que a literatura infantil pode ser um importante instrumento metodológico no tange a educação para as relações étnico-raciais no contexto escolar, especialmente, na educação infantil.

No segundo capítulo intitulado de *Vozes oprimidas: o teatro das oprimidas como um espaço para expressão para das mulheres negras*, Thaillane de Souza Nobre faz uma análise que explora temas de muita relevância na atualidade. Segundo a proposta de estudo realizado pela autora, a desigualdade que afeta as mulheres negras tem suas raízes na época colonial, quando eram submetidas à exploração sexual e laboral, enfrentando também uma tripla discriminação, pois não se enquadravam como homens

(brancos ou negros) e tampouco como mulheres brancas. O capítulo ainda aponta que a sociedade brasileira permanece imersa em preconceitos relacionados a gênero e raça, mas que há movimentos que se empenham na luta contra essas opressões, especialmente em defesa das mulheres negras.

Em seguida, no estudo *Entre protagonismo e coadjuvância das mulheres negras representadas nos livros didáticos do novo ensino médio (PNLD-2021)*, capítulo assinado por Dinajilas Gomes de Melo Santos e Cicera Mônica Rodrigues da Silva, temos uma análise de como as mulheres negras estão representadas nos livros didáticos de *Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do PNLD-2021*, por meio das categorias de protagonismo e coadjuvância. As autoras investigaram duas coleções, totalizando 12 livros. Para a realização do escrito utilizou-se da pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo.

No quarto capítulo, que realiza *Um estudo sobre os africanismos na língua portuguesa*, Francisca Sabrina Cordeiro de Oliveira e Adílio Junior de Souza discute sobre a presença no Brasil de povos originários do Continente Africano, pessoas essas que foram vítimas do que hoje se entende por tráfico negreiro. O estudo aborda as línguas e os costumes, taxados por muito tempo como "errados" ou "estranhos", bem como suas histórias foram deixadas de lado. O capítulo analisa a influência desses povos para a língua portuguesa, evidenciando um conjunto de palavras do léxico africano presentes no português. Além disso, o estudo também aponta que muitos problemas ocorreram no passado em relação à documentação ou registro de textos contendo escritos de pessoas negras que vieram do Continente Africano, mas que isso não afetou diretamente o uso das palavras na oralidade. O capítulo conclui que as palavras de origem africana se mantiveram nos usos da população brasileira, o que contribuiu para a ampliação no léxico de nosso idioma

Por fim, no último capítulo, que tem como título *Itan: entre o mito e a lenda*, de Daniela Barreto de Souza e Adílio Junior de Souza, temos um estudo que discute o conceito de mito e lenda,

com ênfase no estudo do Itan. Para isso, os autores realizam uma revisão de literatura sobre o tema, visando compreender o que são esses mitos e lendas, depois analisam diferentes tipos de mitos/lendas através de narrativas orais, para então refletirem sobre o Itan. O capítulo ainda traz uma série de narrativas colhidas através de entrevistas. Para os autores, o Itan possui relação com o mito e a lenda, porquanto são determinados pela crença/descrença dos indivíduos.

Adílio Junior de Souza
Maria Dálete Alves Lima
Mabell Sales Batista Pinho

Juazeiro do Norte – CE,
23 de abril de 2025.

PENSANDO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL: UMA PROPOSTA DIDÁTICA ANTIRRACISTA

Mabell Sales Batista Pinho
Ana Paula Moraes Santos Souza

1. INTRODUÇÃO

Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista. (Angela Davis)

A lei 10.639/2003 (Brasil, 2003) foi sancionada há mais de 20 anos. Fruto de muita luta e de um valor substancial para a educação, principalmente em relação a educação antirracista. Contudo, é necessário e urgente elucidar o quanto ainda precisamos caminhar para termos, efetivamente, práticas antirracistas em todos os espaços institucionalizados, especialmente na escola.

Diante disso, urge a necessidade de utilizar-se de diferentes estratégias para essa finalidade. Uma dessas é a literatura infantil. O intento é que a partir desse importante instrumento didático, possamos pensar atividades com temática africana e afro-brasileira, voltada para a Educação Infantil, influenciando e empoderando crianças a partir dessa literatura, ancoradas na Lei de diretrizes e Bases da Educação – LDB, no sentido de efetivar as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 (Brasil, 2003; Brasil, 2008).

O presente escrito tem como escopo tensionar questões relacionada a educação para as relações étnico-raciais (ERER) entretecida à literatura infantil, voltada para a etapa da Educação Infantil e, a partir disso, apresentar uma sequência didática como forma efetiva de uma prática antirracista.

Do ponto de vista metodológico, o estudo parte de uma ancoragem qualitativa com uma proposta de intervenção e de cunho bibliográfico, jogando luz a textos que discutem com mais profundidade a importante e necessária interlocução entre a literatura infantil e a ERER como elementos fundantes e estruturais para a educação antirracista.

Deve-se considerar que um dos grandes desafios postos quando se fala em educação para as relações étnico-raciais – ERER são os currículos da maioria das instituições que se mostram, ainda, bastante embranquecidos e eurocentrados, difundindo a falsa ideia de democracia racial que resvala na premissa de que "somos todos iguais", fazendo, assim, que o racismo ganhe cada vez mais força.

Ainda nessa esteira, Costa, Pereira e Dias (2021, p. 127) afirmam que

> criar oportunidades para reflexões antirracistas no cotidiano da educação infantil é fundamental e a literatura infantil tem sido um dos suportes que fortalecem essa prática por conseguir afetar aqueles que têm acesso ao livro. No entanto, sabemos que somente a literatura infantil não consegue por si só dar conta de todas as questões que a discussão sobre a diversidade étnico-racial requer.

Dessa forma, é cada vez mais fulcral tensionar essas questões em todos os âmbitos educacionais para que a educação antirracista não esteja apenas descrita em forma lei, mas que seja efetiva e basilar, principalmente no que concerne a primeira etapa da educação básica.

Este trabalho está organizado por esta parte introdutória em que conceitua o objeto de pesquisa, assim como apresenta as intenções, justificativa e objetivos de investigação. Em seguida, há um diálogo entre a educação para as relações étnico-raciais, a Educação Infantil e as leis que regulamentam uma educação antirracista.

No próximo ponto de discussão, a literatura e a infância alcançam maior visibilidade e, apoiando-se em teóricos, ambas

são compreendidas em seus contextos históricos e sociais. Para proporcionar uma maior fundamentação às ideias discutidas e sugerir um caminho para o combate à discriminação racial por meio da literatura, na Educação Infantil, é apresentada uma sequência didática, a qual pode ser adotada ou mesmo adaptada, dependendo dos contextos. Por fim, apresenta-se as considerações finais do trabalho.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL E BASES LEGAIS: PRIMEIRA ETAPA PARA O ANTIRRACISMO

A Educação Infantil constitui a primeira etapa da Educação Básica, segundo o Artigo 29 da LDB. Nessa perspectiva, vê-se que o cuidado com a educação de crianças pequenas tem se fortalecido, firmando-as como atores sociais, (re)produtoras de cultura e sendo, cada vez mais, reconhecidas como sujeitos históricos e de direitos, conforme está expresso nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCENEI, em seu Artigo 4º,

> As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 1996).

Dessa forma, a Educação Infantil deve ser uma etapa para se construir importantes bases reflexivas sobre as relações que as crianças precisam estabelecer entre seus pares e os adultos com quem convivem. Por meio das experiências elas podem e devem ser influenciadas a ter atitudes de respeito e de valorização às diferenças, como as étnico- raciais.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) apresenta para a primeira etapa da Educação Básica uma organização curricular baseada em campos de experiências. "Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que

acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural" (Brasil, 2017). Dentre os 5 (cinco) campos de experiências, destaca-se para a temática abordada neste trabalho O eu, o outro e o nós, conforme a BNCC este campo apresenta a seguinte definição,

> É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem **outros modos de vida, pessoas diferentes**, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras **experiências sociais** (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem **percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros**, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que **participam de relações sociais** e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na **Educação Infantil**, é preciso **criar oportunidades** para que as crianças entrem em **contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas** (Brasil, 2017, p. 40, grifo nosso).

Congruente com o expresso na documentação, o currículo da Educação Infantil deve estabelecer possibilidades para a criança conhecer-se e conhecer o outro em uma perspectiva de respeito, assim como ter contato com outros grupos sociais e suas práticas, alargando seus conhecimentos e experiências. Por meio de práticas pedagógicas inclusivas as crianças podem desenvolver-se livres de preconceitos e discriminação racial, visto que esta é uma realidade presente na construção social brasileira, mas que precisa ser mudada. Desde a primeira infância este assunto deve ser abordado de maneira crítica e constante, desconstruindo o costume de atrelá-lo apenas às datas comemorativas.

Sendo assim, a instituição de ensino surge como um espaço para se construir e fortalecer respeito, em que as/os professoras/es devem mediar uma prática pedagógica intencionalmente crítica, baseando-se em princípios expostos em documentações legais.

DCNEI (Brasil, 2010, p. 21), ao referir-se à proposta pedagógica e diversidade, assegura "o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas e afrobrasileiras, bem como o combate ao racismo e a discriminação".

Além das DCNEI e da BNCC outras documentações garantem o acesso à cultura africana e afrobrasileira, como a Lei 10. 639/03, a qual foi alterada pela Lei 11.645/08, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afrobrasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares do país. Nesta perspectiva, as leis buscam a construção de uma educação antirracista no cotidiano das escolas, a fim de combater o racismo e garantir novas atitudes ao que concerne as diferentes raças e culturas.

Conforme as Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais (2004),

> é preciso ter clareza que o Art. 26A acrescido à Lei 9.394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas (Brasil, 2004, p. 17).

Assim, dentre as muitas experiências as quais as crianças são imersas na Educação Infantil, a literatura é um importante instrumento para se estabelecer uma educação antirracista, pautada na criticidade, no respeita, na compreensão do papel e importância do eu, do outro e do nós nos mecanismos sociais. Por meio da leitura e da escuta de histórias infantis, as crianças tornam-se mais criativas, mais questionadoras e mais críticas. A literatura é uma porta para outras experiências, como que são tecidas nas rodas de conversas, nos momentos de dramatização, no faz-de-conta, nas pinturas e desenhos, na leitura e escrita, entre outras. Segundo as DCNEI,

> as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e

> garantir experiências que: [...]. Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos (Brasil, 2010, p. 25).

Este acervo literário deve ser selecionado com atenção e junto às contações e/ou leituras é importante que se engendre sequências didáticas para que as histórias não pareçam vazia de sentido, mas para que a criança internalize e compreenda as intenções pedagógicas empreendidas nas vivências. Por meio do combate à discriminação racial, que deve acontecer desde a primeira infância, há a esperança de uma sociedade mais justa e igualitária. Para isso, faz-se necessário fazer com sejam cumpridas as leis que estabelecem tais paradigmas. Diante da situação, a educação das relações étnico-raciais servirá como um instrumento para:

> [...] a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto a pluralidade ético racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira (Brasil, 2004, p. 19).

É fato que ainda há um caminho de luta para que as leis se cumpram integralmente em todas as instituições de Educação Infantil do país, mas por meio da divulgação crescente o expresso nas leis tem alcançado materialidade ao que se referem à discussão sobre a estrutura curricular do eixo da Educação Infantil. Essas discussões têm desconstruído muitas práticas pedagógicas de racismo velado e abrindo espaço para manifestações identitárias diversas.

A seguir será apresentada uma análise sobre a literatura infantil desde seus primórdios até a atualidade e atrelada a ela o conceito de criança ao decorrer da história.

3. MUITO BRANCA... ATÉ SEM NEVE: UMA LITERATURA EUROCÊNTRICA

A origem da literatura infantil está ligada à evolução das sociedades e das concepções de infância. Nesse sentido, durante muitos séculos, a noção de infância foi se transformando ao longo do tempo. Ariés (1981) em "A história social da criança e da família", avulta que durante a Idade Média, as crianças eram vistas como "miniadultos", e as narrativas que chegavam até elas eram as mesmas dirigidas aos adultos, como mitos, fábulas e contos.

Considerado como o precursor da literatura infantil, Charles Perrault inicia um processo de escuta e adaptação de histórias e lendas urbanas contadas pelos camponeses da Idade Média. Essas narrativas eivadas de temáticas sensíveis, como estupro, abandono de crianças, abusos sexuais, dentre outras. Cadermatori (2010, p. 35) destaca que:

> Os contos chegam à família Perrault através de contadores que, na época, se integravam à vida doméstica como servos. É preciso levar em conta que se trata de um momento histórico de grande tensão entre as classes. O burguês Perrault despreza o povo e as superstições populares e, como homem culto, as ironiza. Seus contos, em alguns momentos, caracterizam-se por um certo sarcasmo em relação ao popular. Ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação de fazer uma arte moralizante através de uma literatura pedagógica.

A partir disso, percebe-se que as histórias que foram adaptadas por Perrault estavam, totalmente, voltadas para as crianças da elite burguesa, a fim de representá-las, como é o caso dos famosos contos de fada: chapeuzinho vermelho e cinderela.

Com o início da Idade Moderna, século XII, muda-se a estrutura social e, dessa forma, os núcleos familiares vão se consolidando sob a égide da burguesia. Sobre isso, Silva (2009) elucida que: "Nesse momento, a criança é vista como um indivíduo que precisa de atenção especial que é demarcada pela idade. A criança é o indivíduo inocente e dependente do adulto

devido à sua falta de experiência com o mundo real". Com isso, muitas crianças burguesas passam a receber algum tipo de instrução, na escola ou dentro de casa, necessitando, assim, de materiais pedagógicos para tal finalidade. É dentro desse contexto que nasce a emergente literatura infantil.

Esses superestimados contos de fada que tiveram sua ascensão em um determinado tempo histórico, ainda são contados na maioria das escolas brasileiras, na Educação Infantil, para crianças que apresentam conjunturas sociais, econômicas, culturais e fenótipos, totalmente diferentes dos que são apresentados nesses contos, sem contextualização algumas com a realidade dessas crianças. Fazendo com que o modelo eurocêntrico de ser seja tido como o melhor, o mais bonito e o mais civilizado, decorrente também de um longo e perverso processo colonizador.

Corroborando essa ideia, Cavalleiro (2012, p. 139) comenta que:

> as crianças negras entre quatro e cinco anos de idade, já apresentavam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertenciam, do mesmo modo em que crianças brancas revelavam um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, sentimentos estes que na maioria das vezes já traziam de casa e era reforçado na escola, dificultando a socialização, pois devido as diferenças étnicas, acabam por excluir crianças negras de diversas atividades do cotidiano escolar.

No Brasil, a literatura infantil é catapultada no século XX e capitaneada por Monteiro Lobato, que apesar de trazer em suas histórias elementos nacionais e folclóricos (Sítio do Pica-Pau Amarelo), traz também, arraigado a isso, a representação de uma sociedade marcada por um racismo estrutural, onde é imputado ao corpo preto um lugar de serventia, subserviência e menor valor em detrimento ao corpo branco, configurando-se assim a Branquitude. Pinheiro (2023, p. 40) explica que "o termo branquitude não se refere as pessoas em sua singularidade; trata-

se de uma categoria social, que se refere a um lugar de vantagens simbólicas, subjetivas e materiais.

É nesse veio, que se faz fundamental que as crianças aprendam sobre diversidade e diferença desde pequenas, por isso o trabalho com a ERER aproxima-as das culturas de outros povos e possibilita que reconheçam diferentes costumes, aprendendo a valorizá-los para além da branquitude normativa (Costa; Pereira; Dias. 2021).

Oportunizar as crianças, desde bebês, o acesso a diferentes artefatos culturais sem reproduzir preconceitos e racismo permitirá que elas produzam representações acerca da diversidade étnico-racial (Costa; Pereira; Dias, 2021).

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente artigo ancora-se numa abordagem de pesquisa qualitativa que, segundo Brandão (2001, p. 13): "[...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo, tentando, portanto, interpretar os fenômenos sociais [...]".

Com o intento de propor práticas efetivas contra o racismo nas escolas, foi pensado também uma intervenção pedagógica, voltada para a etapa da educação infantil em forma de sequência didática na perspectiva de Zabala (1998, p. 53), o referido autor propõe uma visão da sequência didática que visa estruturar o processo de ensino-aprendizagem de forma intencional e reflexiva, levando em consideração o desenvolvimento integral do aluno. Sua abordagem é centrada na prática reflexiva do professor e na construção ativa do conhecimento pelo aluno.

Destarte, a fim de consolidar as discussões tecidas neste trabalho, a seguir apresenta-se a sequência didática, partejada com intuito de fortalecer e disseminar uma educação antirracista por intermédio da literatura infantil.

5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA - EU SOU ASSIM! HISTÓRIAS ANCESTRAIS NA INFÂNCIA

A proposta da ação didático-pedagógica foi construída com base na BNCC para a Educação Infantil, em observância aos campos de experiência e os direitos de aprendizagem que integram o documento. As atividades foram planejadas com o intuito que as crianças em idade de pré-escola (podendo ser adaptadas para crianças de creche ou de ensino fundamental) tenham contato com assuntos que abordem a diversidade racial e cultural brasileiras, por meio de atividades lúdicas, desenhos, pinturas, literatura, entrevistas, entre outros artefatos conforme expostos na proposta.

Cabe enfatizar que esta ação didático-pedagógica pode ser reproduzida conforme elaborada e/ou pode ser readaptada de acordo com o interesse da instituição/professora/turma. Além disso, novas atividades podem ser acrescentadas. Em relação ao tempo, este pode ser maior ao depender das mediações feitas e das atividades que forem surgindo.

A criança precisa ser a protagonista de todas as atividades propostas, desse modo, algumas ideias surgem à medida que os momentos são vivenciados, pois cada turma tem suas especificidades.

Tema: Ancestralidade e respeito à diversidade cultural
Público almejado: crianças de 4 e 5 anos
Área: Educação infantil/Ciências Humanas
Modalidade: presencial
Duração: 4 semanas
Materiais necessários: livros de literatura, tinta, imagens, cola, folha A4, cartolina.

Objetivos:

a) Valorizar sua identidade e respeito à diversidade cultural a partir da autoimagem;
b) Conhecer a história de pais/avós dos colegas, por meio de entrevistas, para a promoção (re)conhecimento ancestral
c) Trabalhar a representatividade negra a partir da literatura infantil afro-brasileira;
d) Explorar a diversidade étnico-racial através de histórias infantis, pinturas, colagens;
e) Expor as atividades realizadas.

Campos de experiências a serem trabalhados: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Direitos de aprendizagem envolvidos: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Metodologia (desenvolvimento):

1º momento: em uma roda de conversa, levar uma caixa com um espelho e dizer para as crianças que elas verão na caixa alguém que é muito especial, que deve ser tratado com muito carinho e respeito. Em seguida, convidar cada criança para descobrir qual imagem tem dentro da caixa, perguntar quais as características dessa pessoa, como é o seu cabelo, olhos, lábios, cor da pele, se está alegre... explorar da melhor maneira. Após esse momento, distribuir folhas A4, canetinhas, lápis, giz de cera, e pedir para que cada criança desenhe seu autorretrato. Por último, a atividade deve ser exposta na sala de aula e a professora deve faz mediações a respeito das características presentes em cada representação. Nesta mediação a docente pode enfatizar que entre as crianças existem diferentes raças e por causa disso elas podem ter cabelos, olhos, lábios, cor de pele diferentes. Enfatizar que essas diferenças as tornam cada vez mais especiais.

2º momento: leitura os livros "Amora" - Emicida, "Meu crespo é de Rainha" – Bell Hooks, "O reino perdido de Odara" – Danielle Ferreira e "Com qual penteado eu vou?" – Kiussam de Oliveira. A cada semana 1 (um) livro deve ser lido e explorado juntamente com as crianças. A professora deve apresentar a capa do livro, fazer a predição da história que será lida, ler dando oportunidade que as crianças visualizem as páginas do livro e, ao terminar, conversar sobre os principais pontos levantados pelas crianças. Outras maneiras de apresentar as histórias seria por meio de projeção, de dedoches, de fantoches, de dramatização, mas o livro físico sempre deve estar ao alcance dos olhos e das mãos das crianças, pois este contato é muito importante para o desenvolvimento da leitura e para uma melhor compreensão da história narrada. O momento literário pode ganhar maior dimensão em atividades de recontar a história ou de desenhar a parte que mais gostou, entre outras atividades que a professora pode tencionar.

É importante que cada livro explorado sirva de subsídio para as demais atividades desenvolvidas, uma vez que este trabalho se respalda em apresentar a literatura infantil como uma potente ferramenta para uma ação didática como forma efetiva de uma prática antirracista. Assim, os tempos da rotina pedagógica, como acolhida, roda de conversa, atividades escritas, de pintura, colagem, entre outras, devem apoiar-se na literatura explorada.

Caso a biblioteca da instituição não tenha os livros indicados, a professoras pode trabalhar com outros que tratem da temática racial.

3º momento: Entrevista com pais e avós sobre a origem da família (história do nascimento, familiares, território, nome e sobrenome, características físicas). Para este momento a professora poderá convidar familiares das crianças para a sala e, anterior ao momento da entrevista, criar perguntas para serem feitas, juntamente com as crianças. Em seguida, construir, coletivamente, com a ajuda de um adulto, uma espécie de árvore

genealógica que será chamada de **Meu Baobá: raízes ancestrais**. Explicar o significado dessa árvore, símbolo da cultura africana que também é conhecida como árvore da vida.

4º momento: Culminância – para o encerramento da proposta didático-pedagógica é importante que as atividades construídas ao longo das semanas estejam expostas, assim como os livros trabalhados, e sejam apresentadas, pelas próprias crianças, para os convidados para a culminância. Entre os convidados podem estar familiares e/ou outra turma da mesma escola. O momento pode ser iniciado e/ou encerrado pela música ser diferente é normal (Gilberto Gil).

Avaliação: será realizada mediante observação da participação das crianças nas atividades propostas, no interesse pela literatura, bem como na construção de uma consciência crítica e antirracista.

Leituras complementares (sugestões para professoras): Pequeno Manual Antirracista (Djamila Ribeiro); Construindo uma Educação Antirracista: reflexões, afetos e experiências (Neli Edite dos Santos - organizadora).

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2017.
EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.
HOOKS, Bell. **Meu crespo é de rainha**. Tradução: Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2018.
OLIVEIRA, Kiusam de. **Com qual penteado eu vou?** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023.
SANTOS, Neli Edite dos (org.). **Construindo uma Educação Antirracista**: reflexões, afetos e experiências. Curitiba: CRV, 2022.
SOUZA, Danielle Medeiros de. **O Reino Perdido de Odara**. São Paulo: luva editora, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho para uma educação antirracista deve ser desenvolvido em todas as etapas da Educação Básica, sobretudo na Educação Infantil, por ser essa etapa o esteio no que tange a formação epistemológica da criança, volta à construção de valores, conhecimentos, da relação do eu comigo, no mundo e com o mundo. Nesse sentido, uma educação para as relações étnico-raciais – ERER é necessária não apenas em datas pontuais, mas no cotidiano das ações pedagógicas.

Este trabalho colocou em palco algumas documentações que tratam sobre o assunto da ERER, contextualizou histórica e socialmente a literatura infantil e o conceito de infância, apresentou discussões teóricas sobre o objeto de pesquisa e, por fim, indicou uma proposta de ação didática para ser desenvolvida em turmas de pré-escola.

O objetivo principal do trabalho foi alcançado ao passo que as discussões entretidas para tensionar questões relacionada a educação para as relações étnico-raciais (ERER) entretecida à literatura infantil, voltada para a etapa da Educação Infantil pode ser contemplada em todos os pontos do trabalho e, sobretudo, na parte final em que está apresentada a proposta de sequência didática.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BRANDÃO, Z. A dialética macro/micro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 de janeiro de 2003.

BRASIL. Lei no 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 de março de 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 23 de novembro de 1996, p. 27.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.** Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. Brasília: MEC/SECAD,2004.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**? 2. ed. São Paulo: Editora. Brasiliense, 2010.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, Samara R.; PEREIRA, Sara S.; DIAS, Lucimar Rosa. Literatura infantil e reflexões antirracistas no cotidiano da primeira infância. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, v. 14, n. 39, p. 125-139, 2022.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023, p. 40.

SILVA, Aline Luiza. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD-Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM**, v. 2, n. 2, 2009.

ZABALA, Antoni. As sequências didáticas e as sequências de conteúdo. *In:*_____. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Penso Editora, 1998. p. 53-87.

VOZES OPRIMIDAS: O TEATRO DAS OPRIMIDAS COMO UM ESPAÇO PARA EXPRESSÃO PARA DAS MULHERES NEGRAS

Thaillane de Souza Nobre

1. INTRODUÇÃO[1]

A trajetória sócio-histórica foi alimentada pela falsa ideia de uma soberania racial branca, e que gerou como resultados, sociedades construídas pelo racismo, de maneira que, indivíduos que se veem como brancos ou são vistos como brancos por essa sociedade obtém representativos privilégios materiais ou figurativos, enquanto pessoas negras não (Schucman, 2012).

A Interseccionalidade e a perspectiva do feminismo negro serão utilizadas como base teórica para verificar a importância dessa conexão em relação à desigualdade social, observando essa discussão a partir de 1970 até a atualidade a análise dos impactos que essa discussão tem gerado, contribuindo para a reflexão e atingimento da equidade, ao passo que se observarão possíveis desajustes nesse encontro, e a necessidade de enxergar as questões dos próprios movimentos sociais negros, como a questão no Movimento Negro Unificado.

Nesse cenário, houve uma identificação de que no MNU (Movimento Negro Unificado) a mulher passa por particularidades mesmo dentro de uma organização de ação política que fala sobre a negritude, mas assim como o feminismo ocidental os discursos deste não abarcavam suas mazelas,

[1] Capítulo resultante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado no Curso de Relações Internacionais, na Universidade Estadual da Paraíba, Campus V, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann em 2023.

destarte, a partir do Movimento Feminista e do Movimento Negro procuram dar outra direção a esses movimentos, pensando o *ser negra*. Com essas compreensões, nasce o Movimento de Mulheres Negras, doravante das particularidades que as mulheres negras enfrentam, a criação de um grupo politicamente organizado que *defende a averiguação* do que consistem em essas particularidades mostram-se coerente (Caldwell, 2007; Brazil; Schumaher 2007),

Para Caribé (2018), não se deve esquecer de que o preconceito é contagioso e que a sociedade foi educada e condicionada a refletir segundo as estruturas coloniais e racistas. Assim sendo, o esforço interno que cada ser humano acordado desse fato na estrutura social deve, de forma constante e perene, desconstruir seu próprio racismo.

Tecendo ainda mais o fio da perspectiva anterior, Lélia Gonzalez (2020), invoca a realidade histórica de que o racismo é fruto de um amontoado de concepções e práticas fortalecidas no pós-escravidão, dado que favoreceu grupos sociais específicos. Falando sobre a mulher negra na formação social, cultural e econômica do Brasil a herança que ficou para essa mulher desde a colonização foi a subalternidade, que se desenha com atos de discriminação nas suas mais diversas faces como a racial, sexual, intelectual, de classe e gênero.

O Teatro das Oprimidas, é um estudo estético investigativo que nasce da necessidade de desenvolvimento de processos de representação teatral que não culpabilizassem as mulheres, e não individualizassem a encenação de conflitos que as desafiam, analisando-os socialmente. De tal modo que, apesar da valorização da subjetividade e da mística do teatro, o objetivo do Teatro das Oprimidas desde o começo é criar meios de consciência política para a ação concreta para a transformação (Santos, 2020).

Ainda que no último século seja inegável o avanço das mulheres na criação de territórios de reivindicação e luta, graças aos quais se garantiu a conquista de direitos e a ampliação da participação nas instâncias de poder, contudo, no mundo inteiro,

milhares de mulheres continuam sendo vítimas da violência machista e carregam a culpa e vergonha das violências que sofrem por parte da branquitude. O Laboratório Madalena (parte do Teatro das Oprimidas) é uma experiência teatral focada nas mulheres dedicadas a criar um espaço de compreensão das opressões que as mulheres sofrem, mas, também, reflete acerca dos processos internalizados, com o propósito inicial de que uma mulher poderia ser o "espelho" da outra; dessa forma, seria mais fácil ver os olhares de si mesmas (Santos, 2020).

2. A RELAÇÃO DA MULHER NEGRA COM O TRABALHO

A relação da mulher negra com o trabalho é antiga. No século XX, o feminismo iniciou suas lutas em uma tentativa de obter igualdade entre os gêneros, com movimentos libertários que ganharam as ruas pedindo por direito ao trabalho, à educação, ao voto e a liberdade sobre seus corpos tanto em sua vida sexual, como com a falácia paternalista sobre as mulheres (Pinto, 2010). De acordo com a tradição cristã, o papel do homem seria de prover, chefiar e defender a família.

Entretanto, segundo Sueli Carneiro (2013), parte das mulheres negras não se identificaram com a tônica do movimento feminista que lutava pelo direito ao trabalho e a autonomia sobre seus corpos brancos, enquanto as mulheres pretas sempre sofreram com a coisificação dos seus corpos e a subjugação da sua vontade, estas nunca passaram pela narrativa da "fragilidade feminina", argumento esse que "justificava" o paternalismo masculino com as mulheres brancas, uma vez que, esse grupo de mulheres não era tratado como frágil, trabalharam durante séculos nas lavouras enquanto escravizada, como vendedoras, nas casas dos senhores e como prostitutas. Dessa maneira, uma parte das mulheres negras não se veem representadas pelo feminismo hegemônico.

Dentro da realidade escravocrata, a mulher preta sofre uma desumanização de sua identidade em que é tida como objeto do

trabalho, tendo seu corpo objetificado e sem poder sobre ele. Bell Hooks (1995, p. 468) afirma que "desde a escravidão até hoje, o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva". Dessa forma, o repertório de machismo e sexismo corroboram para a perpetuação da imagem da negra subserviente e submissa.

Isso fica mais evidenciado com Lira (2018), que afirma que a miscigenação brasileira não ocorreu pacificamente, foi fruto da violência sexual e de diversos abusos contra as mulheres indígenas e negras, visto que essas eram tidas como propriedade do homem branco.

Desde a abolição da escravatura coube à mulher negra ser a pilastra da sociedade nos primeiros anos em que a sociedade brasileira juridicamente tentava sustentar no argumento de que existia uma igualdade entre as pessoas. A essa mulher foi delegada a função de sustentar moralmente e financeiramente a família, aumentando sua já extensa carga de trabalho, ao ter a incumbência em cuidar da casa dos patrões e da sua (Rios; Lima, 2020).

Nos anos 1950, o censo era de que 90% das mulheres negras trabalhavam no setor doméstico e que a escolaridade destas era baixa; nos anos seguintes os dados se confundem com o pretexto de que é difícil delinear em uma pluralidade o que é ser negro para obter dados específicos. Essa realidade demonstra como há a intencionalidade em mascarar a situação da mulher negra na sociedade brasileira, projetando no imaginário social a não existência de discriminação racial (Rios; Lima, 2020). Mesmo agora, no ano de 2023, de acordo com o PNADC/IBGE, o número de mulheres negras em idade ativa é de 28,3% em 2022, e dessas 51, 5% estão no mercado de trabalho, quer buscando um emprego ou com um emprego temporário. Esses dados corroboram para a percepção de que a realidade da mulher negra dentro do mercado de trabalho é muito difícil (Feijó, 2022).

Ribeiro (2017) retrata que a mulher negra é vista como o Outro, à medida que é imaginada como algo à parte do gênero

humano, como objeto, pensada a partir do homem branco e não dela mesma. Nessa perspectiva, essa mulher sofre também a dificuldade de ser vista enquanto indivíduo; para a autora, o status das mulheres brancas é oscilante, pois são mulheres, mas são brancas; o mesmo princípio é pensado sobre os homens negros, pois são negros, mas são homens. Já as mulheres negras, nesse entendimento, não são nem brancas e nem homens, exerceriam assim, a função de Outro do Outro.

De acordo com Lélia Gonzalez (2018), existe uma divisão do trabalho em raça e gênero, não tarda se concluir os diferentes tipos de discriminação - classe, raça e sexo, sofridos pela mulher negra, bem como o lugar a que foi imposta na força de trabalho. Essa divisão mantém esse gênero em particular em camadas mais pobres da sociedade em um estado de desigualdade que se arrasta ao longo da história dessas mulheres.

Sueli Carneiro (2011), corrobora e afirma que a ligação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras um tipo de asfixia social com consequências negativas em todos os quesitos da sua vida, que se apresentam como baixa autoestima, saúde mental afetada por sequelas emocionais; uma expectativa de vida menor em até cinco anos em relação às mulheres brancas, menor índice de casamento, e acima de tudo, a restrição aos trabalhos de menor remuneração e prestígio. Nessa perspectiva, Lira (2018, p. 7) acrescenta que:

> O racismo e o sexismo são variáveis estruturantes da sociedade, configuram como instrumento do capitalismo para hierarquizar a classe trabalhadora e justificar as desigualdades sociais, aprofundando ainda mais os níveis de exploração.

Nos dias atuais, os desafios do mercado de trabalho se mantêm, mas agora de maneira mais disfarçada - quando apesar das mulheres negras terem conseguido chegar à graduação e à pós-graduação, que proporcionam status na sociedade, ainda têm de lidar com a seletividade do ambiente de trabalho, como em

multinacionais e grandes empresas em que a classificação e escolha de candidatos ainda é demarcada pela cor da pele. O crescimento desigual na sociedade faz parte do cotidiano da população negra, apesar da evolução ocorrida e do acesso de muitos à classe média; para essa parcela da comunidade, a deterioração das oportunidades de emprego implica em baixas condições de vida e desigualdade social (González, 1979).

As organizações feministas negras, em 1990, passaram a descrever o *machismo, pobreza e racismo* como um trinômio que funciona como uma maneira de rebaixamento da mulher negra (Santos, 2009). Na literatura e no discurso do movimento feminista no Brasil pouco se fala da mulher negra, e pouco é trazido dentro desses contextos de escrita e da fala a subjugação sexual, econômica e social a que estão submetidas, assim como das esferas mais pobres, mas ainda menos é retratado da repressão racial sofrida por elas (Gonzalez, 1979).

A mulher negra brasileira dos dias de hoje sofre com o tipo de imagem que lhe é incumbido e/ou das mais diversas variedades de superexploração e alienação a que está sujeita. Mas apesar dessas adversidades que acompanham a trajetória dessa mulher, é necessário expor as estratégias de que se utiliza para sobreviver e resistir em um corpo social racista e capitalista como o nosso (Rios; Lima, 2020).

Segundo Carneiro (2003), ao discutir a respeito das desigualdades as lutas feministas empoderam as mulheres enquanto novos indivíduos políticos. De uma outra perspectiva, é exigido a admissão das variadas diferenças que existem em meio dessas mesmas mulheres. Conforme, a afirmação anterior é importante que a diversificação entre esse gênero seja feita para que as desigualdades não sejam tomadas como as mesmas em todas as medidas, quando claramente é constatado na história, e ainda hoje, a disparidade marcada pela cor e gênero.

Ribeiro (2018) apresenta que quando é discutido identidades, pode-se dizer também que o poder deslegitima umas em detrimento de outras. O debate, não é meramente identitário,

envolve também pensar como algumas identidades são aviltadas e faz-se considerável que seja ressignificado o conceito de humanidade, em razão das pessoas negras em geral e mulheres negras especificamente não serem tratadas como humanas. Corroborando com isso, Wallerstein (1992, p. 6) afirma:

> O produto e a justificativa das desigualdades entre as zonas centrais e as zonas periféricas da economia – mundo capitalista. Se manifesta, política, econômica e culturalmente, em nossa forma de pensar, falar e agir. A colonialidade reproduz a si mesma, ainda que as pessoas que se encontram em níveis mais baixos da hierarquia tratam, obviamente, de lutar contra ela (tradução minha).[2]

Diversos movimentos sociais lutaram e continuam lutando para que essas desigualdades sejam superadas, partindo principalmente do ponto de que a mudança inicie na modificação da visão social sobre mulher negra. Os movimentos sociais fornecem ferramentas de luta e de autoaceitação, de orgulho pessoal e social. Uma dessas iniciativas é o Teatro das Oprimidas, que será tratado na seção seguinte.

3. O TEATRO DAS OPRIMIDAS - REDE MA(G)DALENA

Segundo Maria Bernardete Toneto (2022), sob uma perspectiva cultural cabe refletir sobre a determinação das mulheres, e aqui coloco no sentido da determinação das mulheres negras, que vai além das concepções de pensamento em que se possam definir em um "texto", mas como uma proporção em uma associação social à cultura que funcione como uma ferramenta de ingerência em um mecanismo de poder no mundo. A arte

[2] "[...] el producto y la justificación de las desigualdades entre las zonas centrales y las zonas periféricas de la economía - mundo capitalista. Se manifiesta política, económica y culturalmente, en nuestra forma de pensar, hablar y proceder. La colonialidad se reproduce a sí mismo, pese a que las personas que se encuentra en los niveles más bajos de la jerarquía tratan, obviamente, de luchar contra ella (Wallerstein, 1992, p. 6).

permite que o indivíduo questione doutrinas, costumes e hábitos sustentados na vida (Boal, 2009).

A Rede Ma(g)dalena é um grupo de mulheres negras feministas e ativistas da África, América Latina e Europa que, por meio de ações sólidas pelos direitos das mulheres, proporciona o debate a partir do Teatro das Oprimidas, em que são retratados, por meio de espetáculos teatrais, como as violências de raça e gênero impactam a vida das mulheres negras; o Teatro das Oprimidas nasce da imprescindibilidade e do interesse em ampliar as oportunidades de atuação em o processo estético que busca valorizar a compreensão subjetiva dos problemas para evidenciar a profundidade das personagens e as situações experienciadas por elas, simultaneamente, enfatiza contextualizar a questão expressando os modos de opressão.

Seguindo a perspectiva do reconhecimento de opressões é importante trazer o entendimento de Maldonado Torres (2008), sobre a atitude decolonial que para o autor é o clamor que acontece de maneira singular, isto é, a própria maneira do sujeito face cruel realidade dos valores e comportamentos da colonização almejando a mudança do sistema mundo moderno e do direcionamento do entendimento de que não há outro conhecimento real se não o já propagado.

Na compreensão de Fanon (1961), a violência que se proclamou no predomínio dos valores brancos, a brutalidade que se fundiu na disputa vitoriosa de tais valores com modos de viver e/ou questionar dos colonizados, tornam que, justa uma mudança nas coisas feitas pelos colonos diante dos princípios estabelecidos. Isso significa que a constatação das opressões sofridas permite uma libertação das amarras coloniais, uma vez que:

> Pode argumentar que existe, se não uma cegueira, pelo menos uma grande insensibilidade social com relação às desigualdades. Dimensões gravíssimas da iniquidade, da injustiça, da exploração prática de populações vulneráveis estão naturalizadas e não suscitam inquietações éticas e morais (Dubet, 2003b, p. 11).

Em uma entrevista à revista Philos em 2019, Bárbara Santos, que é atriz, escritora, militante feminista, dramaturga, diretora teatral, e também a fundadora da Rede Ma(g)dalena Internacional do Teatro das Oprimidas, descreve a mulher como o Oprimido, e principalmente a mulher negra. Apesar dos inegáveis avanços quanto a alguns direitos sociais, as oportunidades dentro do mercado e na ascensão social, a desigualdade de salário e a violência continuam sendo parte da vida e do cotidiano das mulheres. O público que é *diligenciado* é população da comunidade, jovens negras, que são especialmente excluídas e oprimidas. É importante a observação da interseccionalidade dessas realidades de opressão, das estruturas de poder e de uma construção identitária: como viver na periferia e ser uma mulher negra que mora nesse espaço (Collins, 2020; Santos, 2019).

Entre as variadas interpretações abordadas dentro do Teatro das Oprimidas está também a "violência velada", aquela que tem início em casa, desde a infância e se perpetua dentro de outras paredes da vida da mulher onde esta não é vista com um ser completo, atingindo essa completude apenas quando está ao lado de um homem.

No Teatro do Oprimido existe o Teatro Fórum, um dos ramos do Teatro do Oprimido; nele, é encenada uma questão de opressão escolhida pelo grupo de artistas, quase sempre amadores; a partir de então, a encenação ocorre novamente e qualquer pessoa da plateia pode substituir um "ator", modificando a opressão.

Isto causava, às vezes, distorções, onde um homem branco tomava o lugar de um homem negro, ou um homem branco substituía uma mulher negra, e agia como se pudesse "ensinar" a pessoa, já oprimida naturalmente pela sua condição social. Quando isso ocorria, ou era claro que a vítima estava sendo novamente vitimizada, ou que o homem branco, colonizador, machista, cisgênero, estava mostrando sua capacidade superior de "ensinar", o que é totalmente prejudicial, tornando, através dessa forma de teatro, a evidente marca eminentemente branca que

havia dentro do cenário teatral, revelando, principalmente, privilégios e poder, mesmo no Teatro do Oprimido, que tinha a intenção de superar a opressão.

O Teatro das Oprimidas segue esse modelo artístico; contudo, neste, havendo a substituição da personagem oprimida apenas por alguém da mesma identidade social que ela, estimulando que as outras intervenções fossem realizadas do lugar social dos espectadores e espectadoras (Santos, 2020).

Dentro desse espectro, é importante evidenciar o Teatro das Oprimidas Madalena Anastasia, outra subdivisão do Teatro das Oprimidas, que lida especificamente com mulheres negras. Esse relato se desenvolve a partir de uma apresentação do Laboratório Madalena na Região Metropolitana do Cariri Cearense, na cidade de Juazeiro do Norte, que tem como figura histórica o Padre Cícero ou "*Padim Ciço"* (como chamam alguns caririenses) e nesta cidade existe o que a história chama de o "milagre do Juazeiro".

A ideia de um novo ramo do teatro das oprimidas começa quando as integrantes do teatro descobrem a respeito desse evento e toda sua memória, que se dá quando uma hóstia se transformou em sangue na boca da beata, Maria de Araújo, e esse fato se repetiu algumas vezes o que fez com que os locais acreditassem se tratar do sangue de Jesus; com as desconfianças da igreja sobre o milagre houve a suspensão de Padre Cícero e perseguição a Maria o que fez com que as atrizes identificassem a história de Maria de Araújo com a de Maria Madalena e considerando o fato de que Maria de Araújo morreu sem ter sua história validada e seu corpo desapareceu, provavelmente, para que não houvesse adoração a ela conectaram também a trajetória de Anastácia (Cava, 1985; Santos, 2020; Teixeira, 2015).

Após algumas oficinas na África Oriental e Ocidental, bem como, laboratórios, seminários e encontros, a exemplo o II Encontro Madalena Internacional, em Berlim em 2013 e o IV Encontro pela Paz na Bolívia e 2014, as participantes do Teatro das Oprimidas verificaram, ao tentar fazer um Laboratório com a presença de um público majoritariamente de mulher negras e

indígenas, a dificuldade de conseguir passagem, espaço, em alguns grupos tradicionais permissão para as mulheres participarem e a partir da produção teatral de *Consciência da Cabelo aos Pés* a imagem, o logotipo que foi se transformando para essa produção foi o de uma mulher negra, uma Madalena Anastácia (Santos, 2020).

Pensando na mudança e desconstrução propostas pelo Teatro das Oprimidas, Santos (2016), usando Augusto Boal e Paulo Freire como referência, descreve que o teatro de um e a pedagogia do outro passam por trajetórias diferentes, mas que também se interseccionam, ao passo que, instigam o oprimido a desenvolver sua própria perspectiva sobre o mundo e ter um conhecimento da estética inclusivo e único, de forma que a sua libertação do opressor seja possível a partir do início de espaços de diálogo como meios para sanar divergências reais, considerando como primeiro ponto o uso de histórias reais narradas a contar por um entendimento próprio e suas particularidades (Santos, 2016).

Dentro dos encontros existem também momentos de formação crítica, política com debates, reflexões, rodas de conversa, divergência e convergência de opiniões, além de leituras de autoras nacionais e internacionais sobre feminismo negro, feministas da contemporaneidade como Lélia Gonzalez, Carla Akotiene, Angela Davis, Patricia Hill Collins, Bell Hooks, Djamila Ribeiro, entre outras, essas reuniões acontecem por vezes de maneira assíncrona, já que o deslocamento e o tempo são um empecilho para muitas.

Santos (2020) confessa, que a proposta anteriormente descrita é para a artista um marco em se tratando de Teatro das Oprimidas, revela que quando entra em cena atua desde a sua identidade social, encena perspectiva de transformação para aplicá-las a realidade – não no lugar do outro, mas em seu próprio lugar. E dentro desse espectro esse seria o ensaio para atuar na revolução da maneira que, segundo a dramaturga, seria a mais potente e possível para si mesma.

> […] a resgatar os valores da cultura africana, marginalizados por preconceito à mera condição folclórica, pitoresca ou insignificante; b. Através de uma pedagogia estruturada no trabalho de arte e cultura, tentar educar a classe dominante "branca", recuperando-a da perversão etnocentrista de se autoconsiderar superiormente europeia, cristã, branca, latina e ocidental; c. Erradicar dos palcos brasileiros o ator branco maquilado de preto, norma tradicional quando a personagem negra exigia qualidade dramática do intérprete [...] (Nascimento, 2016, p. 161).

Nascimento manifesta a perspectiva sobre a branquitude nas interações sócio-raciais no Brasil: na ideia equivocada do branco de se achar superior em detrimento de outras raças e traz como um meio para educá-los a estética do teatro pedagógico e didático. "O teatro é instrumento libertador de ações e visões, tem objetivo de trazer à cena o ator e o não ator com vontade de dizer algo através da linguagem do teatro. […] todo teatro é necessariamente político" (Boal, 1980).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro das oprimidas, em especial o coletivo Anastácia, inspira a um processo investigativo sobre o resgate da identidade da mulher negra que é obstruída pelo racismo, desigualdade e patriarcado. A simbologia que essa forma de teatro representa é a luta contra o sexismo e o racismo, convocando as mulheres pretas a uma experiência estética e política.

> Essa cabeleira
> Ancestral
> Esse seu cabelo
> Canta uma verdade
> Essa cabeleira
> Carrega uma história
> Vê em seu cabelo
> Futuro e memória [...] (Santos, 2020, tradução minha)[3]

[3] Esa cabellera
Ancestralidad

As desigualdades se somam aos duros níveis de vulnerabilidades que atravessam a vida e as experiências das mulheres negras demonstrando uma tripla articulação que se revela na história e em outros aspectos próprios que conceito de *interseccionalidade* descrito por Kimberlé Creenshaw (2002) tenta explicar. Lélia Gonzalez (1984), escreve que a indivisibilidade da tripla violência se originaria na colonização, que formaria a estrutura de uma sociedade racista, capitalista e patriarcalista.

> Nesse sentido, o racismo também superlativa os gêneros por meio de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos. Institui para os gêneros hegemônicos padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária. A recorrência abusiva, a inflação de mulheres loiras, ou da "loirização", na televisão brasileira, é um exemplo dessa disparidade (Carneiro, 2003).

A trajetória de mudança, liberdade, empoderamento de uma minoria, a quebra de um paradigma como o racismo, o sexismo, a desigualdade, etc, estruturas que colocam as mulheres negras em uma espécie de aprisionamento dentro de si mesmas, que as subvertem a cargos menores, menores salários, baixa autoestima, são muito difíceis de romper, mas não são impossíveis, dentro do teatro das oprimidas é uma percepção que ocorre a partir do corpo como um despertar e não apenas da linguagem verbal. No teatro proposto por Santos, uma das metodologias desenvolvidas dentro do grupo é a da criação de processos de consciência política para a execução concreta para a transformação.

Segundo Hooks (2015), a tomada de consciência é transformadora e feminista (e aqui dou ênfase ao feminismo negro) na relevância de compreender o patriarcado enquanto

---

Ese tu cabello
Canta una verdad
Esa cabellera
Carga una historia
Vé en tu cabello
Futuro y memoria […] (Santos, 2020)

mecanismo de dominação e de que maneira ele se "legitimou" e é propagado e mantido na sociedade. É preciso uma voz que seja parte dessa luta libertadora, o primeiro passo da mulher oprimida no caminho para a autoconsciência.

Dessa maneira, podemos observar o impacto do teatro das oprimidas na vida das mulheres negras a partir dos seus laboratórios, oficinas, atos e escritos. Com isso, descrevo um trecho do depoimento da participante e colaboradora, Claudia Simone dos Santos Oliveira (2020), sobre o teatro das oprimidas:

> [...] participei de duas edições do Laboratório Madalena e fui motivada a repensar o lugar de mulher na sociedade, e ir em busca de compreender os sentimentos de inferioridade, culpa, fraqueza, invisibilidade e a falta de pertencimento. A experiência me estimulou a pertencer, compartilhar, conhecer e não me sentir sozinha em uma sociedade que reforça a supremacia masculina. Descobri que esses não eram sentimentos que pertenciam unicamente a mim. (...) No Laboratório fomos provocadas a questionar a normalidade de servir, a maternidade como algo natural, as representações sociais de puta e de santa sem lugar para outras possibilidades, a ditadura midiática da beleza hegemônica e da juventude eterna, o sonho do amor romântico." (Oliveira, 2020, p. 78, tradução minha)[4]

Nesse ponto de vista, o confronto das mulheres negras em combate as opressões de raça e gênero vem esculpindo novos traços para a ação política antirracista e feminista, fomentando não somente o debate racial, mas também a matéria de gênero dentro da sociedade brasileira. É possível identificar com o depoimento de Cláudia Oliveira, assim como apontado por

[4] "[...] participé de dos ediciones del Laboratorio Magdalena y fui motivada a revisar el lugar de la mujer en la sociedad, en la búsqueda de comprender los sentimientos de inferioridad, culpa, debilidad, invisibilidad y falta de pertenencia. La experiencia me estimuló a pertenecer, compartir, conocer y no sentirme sola en una sociedad que refuerza la supremacía masculina. Descubrí que esos no eran sentimientos que me pertenecían únicamente a mí. (…) En el Laboratorio fuimos provocadas a cuestionar la normalidad de servir, la maternidad como algo natural, las representaciones sociales de puta y de santa sin lugar para otras posibilidades, la dictadura mediática de belleza hegemónica y de juventud eterna, el sueño del amor romántico" (Oliveira, 2020, p. 78).

González (1988), que o lugar que parece reservado a mulher negra é o de segregação em amplas áreas da sua vida (Carneiro, 2003; Gonzalez, 1988).

Expor que existem opressores e oprimidos não toma, como falam muitas vezes, um resumo do mundo. É, pelo contrário, o ato de questioná-lo, é ir para além de uma moral que faria oposição ao que seriam pessoas boas e pessoas "más". Toca na necessidade de reconhecer que os sujeitos não iguais e não sofrem as mesmas opressões, e que não estão restritas ao que as oprime (Boal, 2019).

"Neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa" (Gonzalez, 1984). A prática é indagativa: elas fazem um levantamento e, assim, ao se alinharem, assumem seus corpos. A ação tem uma finalidade: a revolução é contra algo específico, as mulheres sabem o que querem destruir, que conjuntura desejam por fim (Butler, 2017).

No teatro das oprimidas é possível testemunhar uma luta a fim de preservar os direitos adquiridos, ir em busca de caminhos contra os retrocessos nas conquistas das mulheres negras e também expandir o debate sobre as múltiplas violências que atravessam o corpo e a vida das mulheres. E, pela impressibilidade de refletir a respeito das reproduções de estruturas traumáticas, como sobreposição às inúmeras formas do poder patriarcal (Oliveira, 2020).

REFERÊNCIAS

AKORTIENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRAZIL, Érico V.; SCHUMAHER, Schuman. **Mulheres negras no Brasil**. São Paulo: Senac, 2007.

BILGE, Sirma. **Théorisations féministes de l'intersectionnalité**. Diogène, 1 (225), 2009.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BUTLER, Judith. Levante. In: DIDIHUBERMAN, Georges. **Levant es**. São Paulo: Sesc,2017.

CALDWELL, Kia Lily. **Negras in Brazil**: Re-envisioning Black Women, Citizenship, and the Politics of Identity. New Jersey: Rutgers University Press, 2007.

CARIBÉ, T. Caminhos de volta: o retorno consciente às origens**.** In: OLIVEIRA, H. (Org.). **Desvelando a alma brasileira**: psicologia junguiana e raízes culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento.** Publicação Estudos Avançados v. 17, n, 49, 117 – 133. 2003. Disponível em: https:// edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8166235/mod_resource/content/ 1/CARNEIRO_Mulheres%20em%20movimento.pdf. Acesso em: 14 mar. 2025.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joaseiro**. Tradução Maria Yedda Linhares. — 3. ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.

COLLINS, H, Patrícia; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução Rane Souza. - 2. ed., Cambridge, Polity, 2020

DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas.** Tradução Sérgio Miola. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães, Juiz de Fora: UFJF, 1961.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, Etnicidade e Trabalho**: Efeitos Lingüísticos e Políticos da Exploração da Mulher. Pittsburg: 8o. Encontro Nacional da Latin American Studies Association, 1979.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p.223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. **Mujeres por um desarollo alternativo.** Santiago, v. 9, pp. 133-41, jun. 1988. (Mujeres, crisis y movimiento: América Latina y el Caribe).

GONZALEZ, Lélia. **"A categoria político-cultural de amefricanidade,"** Tempo Brasileiro, 92/93 (jan/ jun. 1988): 69-82.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras.** Estudos feministas, Florianópolis, ano 3, p. 464-478, 2. sem. 1995.

LIRA, PRISCILA L. **Mulheres negras**: desigualdade racial e de gênero e as políticas e programas sociais. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, v. 1, n. 1, 2018.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **La descolonización y el giro des-colonial.** Tabula rasa, n. 9, p. 61-72, 2008.

MOREIRA, Núbia Regina. **Feminismo Negro Brasileiro**: Igualdade, Diferença E Representação. Minas Gerais: 31° Encontro Da ANPOCS, ST: 18: Estudos de Gênero: teoria e pesquisa, 2007.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processos de um racismo mascarado. 1ªed – São Paulo: Perspectivas, 2016.

OLIVEIRA, S, S, Claudia. De Magdalena a Anastasia. In: SANTOS, Bárbara, **Teatro de Las Oprimidas**: estéticas feministas para poéticas políticas. 1a ed ampliada. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2020.

PEREIRA, Ana Claudia Jaquetto. **Feminismo negro no Brasil**: a luta política como espaço de formulação de um pensamento social e político subalterno. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 Desafios Atuais dos Feminismos, 2013.

PIMENTEL, Elaine; WANDERLEY, Nathália. **Silêncios e mitos numa perspectiva interseccional**: do controle informal de corpos ao controle penal de mulheres negras. Revista Brasileira de Políticas Públicas, Brasília, v. 10, n. 2, 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r

SANTOS, Bárbara. **Teatro das Oprimidas**. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019.

RÍOS, Flavia; LIMA, M. (orgs.) (2020). Lélia Gonzalez. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar. (376 pp.)

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo Negro Para Um Novo Marco Civilizatório; Uma Perspectiva Brasileira.** Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Bárbara. **Teatro de las oprimidas:** estéticas feministas para poéticas políticas / Bárbara Santos. - 1a ed ampliada. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2020.

SANTOS, Bárbara. **Teatro do Oprimido Raízes e Asas**: uma teoria da práxis. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo"**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

TEIXEIRA, Gisele de Lima. **Maria De Araújo:** A Memória Da Beata Juazeiro Do Norte Na Literatura De Cordel. Orientadora: Gilda Maria Whitaker Verri. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2015.

TONETO, Maria Bernardete. **Estética e resistência em rede e em cena do Teatro das Oprimidas.** Extraprensa, São Paulo, v. 15, n. esp, p. 98 – 118, mai. 2022.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Creacion Del Sistema Mundial Moderno**. En un mundo jamás imaginado. Editorial Norma. Colombia. 1992.

ENTRE PROTAGONISMO E COADJUVÂNCIA DAS MULHERES NEGRAS REPRESENTADAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO NOVO ENSINO MÉDIO (PNLD-2021)

Dinajilas Gomes de Melo Santos
Cicera Mônica Rodrigues da Silva

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre a História das Mulheres é compreender um cenário herdado da cultura do patriarcado que coloca a figura do homem como detentor do poder, das relações econômicas e sociais e sujeitos em destaque nos acontecimentos históricos. Desse modo, as mulheres são tidas como agentes passivas e vistas em segundo plano como meras coadjuvantes ou até silenciadas dos processos históricos. Além disso, é posto outras questões em foco como a disseminação e desigualdade de gênero na dimensão social, econômica e política.

Com a implantação da História Nova foi possível perceber a História como um conhecimento científico que dava destaque para a difusão de outras análises dentro da historiografia como a História das mentalidades, do cotidiano, da cultura, do imaginário entre outras. Incluindo a utilização de novas fontes históricas, a inserção de sujeitos como as mulheres,os escravizados, os pobres e indígenas se tornando uma História totalizante.

Por volta de 1980, os estudos de gênero começam a ganhar força e trazer à tona a importância de falar sobre as relações de gênero e a luta pelos direitos das mulheres que há tempos já vinham sendo reivindicados. Os movimentos feministas foram se disseminando na esfera pública para dar voz às mulheres e contribuir na conquista de seus direitos negados.

Mas, vale lembrar que o feminismo está imbuído na fragmentação da interseccionalidade que identifica várias questões como: raça, gênero, classe, orientação sexual. Não podendo ser enxergado de forma universalizante como se todas as mulheres fossem iguais, pois o universo das mulheres necessita ser entendido em suas particularidades de grupos. Caso contrário só exacerba as desigualdades entre as mulheres e a promoção do preconceito.

Tendo em vista essas dicotomias tecidas entre as mulheres, o presente trabalho está voltado para a representação iconográfica das mulheres negras nos livros didáticos do Novo Ensino Médio tendo como base o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD-2021). As inquietações que nortearam essa pesquisa surgem ao refletir sobre a História das mulheres negras ao longo da História e a busca pela identificação de estudos de gênero nos livros didáticos sendo gerada a seguinte questão problema: quais são as mulheres negras representadas e quais lugares de representação elas ocupam nesses livros?

Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo geral: analisar como as mulheres negras estão sendo representadas nos livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do PNLD-2021. Ademais, busca-se investigar em que medida há processos de protagonismo e coadjuvância nos lugares de representações femininas negras nos livros do Novo Ensino Médio.

Essa pesquisa se enquadra na modalidade qualitativa (Minayo, 2001) com procedimentos metodológicos voltados para a análise dos conteúdos (Bardin, 2011) com contribuições de (Caimi e Mistura, 2021). Vale salientar que a pesquisa foi construída também por meio do levantamento bibliográfico tendo como base as obras voltadas para as temáticas de gênero, feminismo, protagonismo e coadjuvância. No aporte teórico são destacadas (os) autoras (es) como: Baldissera (2010), Gancho (2001), Ginity (2015), Sabat (2004) e Santos (2022).

A fonte utilizada na pesquisa foram 2 coleções didáticas do Novo Ensino Médio do PNLD-2021, sendo elas: Multiversos:

Ciências Humanas da editora FTD e a outra foi a coleção Conexões: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da editora Moderna, totalizando 12 livros didáticos analisados.

Esse trabalho vem somar com o vasto leque de trabalhos acadêmicos voltados para os estudos de gênero na perspectiva de compreender a visibilidade das mulheres negras nos livros didáticos do Novo Ensino Médio. Busca-se por trabalhar com essa temática, pois diante dos levantamentos de pesquisas feitos não foi identificado trabalhos que trouxesse à tona a questão das mulheres negras nas categorias de protagonistas e coadjuvantes em um único trabalho e na ferramenta didática do Novo Ensino Médio. Dessa forma, essa pesquisa visa incluir e visibilizar as mulheres negras pensando na importância delas para quebrar preconceitos, estigmas sociais e lembrar que vidas negras importam.

A partir da realização da pesquisa e dos resultados obtidos foi possível perceber que houve o aumento dos assuntos voltados para questões de gênero e da representação das mulheres negras nas categorias de protagonistas e coadjuvantes. Esse aumento pode ter ocorrido devido à reorganização dos livros por áreas do conhecimento, ficando evidente que a representação dessas mulheres está para além dos processos e assuntos históricos.

2. PERCUSO METODOLÓGICO

A presente comunicação é respaldada no método qualitativo (Minayo, 2001) tendo mecanismo metodológico a análise de conteúdos (Bardin, 2011) com contribuições de (Caimi e Mistura, 2021). Vale lembrar que a pesquisa foi construída também por meio do levantamento bibliográfico tendo como base as obras voltadas para as temáticas de gênero, feminismo, protagonismo e coadjuvância. Ao que tange ao referencial teórico são destacadas (os) autoras (es) como: Baldissera (2010), Gancho (2001), Ginity (2015), Sabat (2004) e Santos (2022).

O caminho trilhado para realização da pesquisa foi fundamentado em algumas etapas: pesquisa na internet à procura do guia digital e do edital do PNLD-2021 com intuito de saber quais foram as coleções aprovadas pelo PNLD-2021, após a pesquisa detectou-se que foram ao todo 14 coleções aprovadas. Em seguida foi realizada a organização das coleções por meio de mapeamento. E por fim para ser realizada a escolha das coleções didáticas foi criado o critério de selecionar os livros didáticos que tivessem a maioria das (os) autoras (es) formadas (os) em História. Ao final foram selecionadas 2 coleções: Multiversos: Ciências Humanas da editora FTD e a outra foi a coleção Conexões: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da editora Moderna, totalizando 12 livros didáticos para a análise.

Após a seleção dos livros didáticos, o próximo passo foi se debruçar na fonte para analisar o conteúdo iconográfico fazendo a descrição e reflexão crítica acerca do objeto de estudo no caso as mulheres negras, suas categorias de representação e os espaços ocupados por elas nessas coleções. Depois da coleta minuciosa de informações foi feita a sintetização e escrita do texto.

3. MULHERES NEGRAS PROTAGONISTAS

O conceito de protagonismo é bastante explorado no campo teórico da literatura que tem ênfase na análise da narrativa, assim como também no meio artístico. A definição de protagonista é fundamentada por Gancho (2002) que diz respeito ao papel principal desempenhado pelo personagem da narrativa, podendo ser "herói com características superiores às de seu grupo" (p. 14). Outra classificação atribuída ao protagonista é a ideia de "anti-herói contendo características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto" (Gancho, p. 14). Além das (os) personagens protagonistas ainda há a categoria de co-protagonista sendo o segundo ser mais importante da obra/história contada

contribuindo para o desenrolar da história e para a (o) protagonista conquistar seus objetivos na trama.

Ao pensar nessas denominações de protagonista e co-protagonista na maioria das vezes, tanto nas narrativas literárias/históricas como no cinema, o papel de protagonista é dado aos homens, enquanto o de co-protagonista é atribuído as mulheres de preferência a de cor branca. Reforçando o paradigma eurocêntrico.

Nessa lógica de representação pautada na visibilidade da mulher como protagonista pode ser observado nos contos de fadas produzidos pela Disney que costumam contar a história de princesas como: Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida, Rapunzel, Ariel, entre outras. O destaque que pode ser dado a essas princesas diz respeito a busca pela felicidade atravessando inúmeros empecilhos impostos pelas (os) vilãs (ões) e desafios ao longo da história e ao final para concretizar a saga de "felizes para sempre" é posto a figura do príncipe encantado que vai conduzir a princesa a felicidade. Nota-se, desse modo, que desde a infância é idealizado a representação do que seria belo: mulheres brancas com cabelos lisos, indefesas, que dependem de um homem para serem felizes e alcançarem a liberdade.

Ao observar nas entrelinhas desses contos de fadas citados, eles corroboram com a padronização de beleza, falta de representação de algumas mulheres como as negras constituindo para o não lugar da mulher e dando espaço para os estereótipos de gênero e raça. Mas, vale lembrar que assim como houve modificações na História para dar visibilidade aos esquecidos e silenciados, a Disney não ficou para atrás e a partir de 1995 começou a dar destaque para outros tipos de princesas como: Pocahontas, Mulan, Merida (Valente), Moana e mais recente no ano de 2009 para a representação da princesa negra Tiana[1]. Princesas essas que são fortes, guerreiras e donas de seus próprios

[1] Para saber mais sobre a princesa negra Tiana da Disney acesse: https://www.youtube.com/watch?v=zpMjIvVyt5k.

destinos buscando realizarem seus sonhos sem a necessidade de um príncipe para serem felizes quebrando todos os estigmas sociais, raciais, de classe, de beleza e de gênero.

Saindo da produção cinemática e vindo para o campo da História a partir das reflexões de Santos (2022) é necessário lembrar do protagonismo negro com raízes no movimento negro que surge desde a época da escravização quando as (os) negras (os) formam grupos para fugir e resistir contra a servidão e castigos de seus senhores. Após, o período escravocrata o movimento negro continua se fortalecendo agora com o intuito de combater o preconceito e a desigualdade social.

Em meio a essa longa trajetória, a população negra vai criando maneiras de se inserir na sociedade através da imprensa negra e da Frente Negra Brasileira de caráter social e político. Por volta de 1978, entra em cena o Movimento Negro Unificado (MUN) que auxiliou na conquista de vários direitos civis como: demarcação de terras quilombolas[2], a lei de cotas[3], a lei que assegura o racismo como crime[4], a data de celebração da Consciência Negra e a obrigatoriedade de ensinar sobre a História e cultura afro-brasileira na educação básica ancorada na lei 10639/2003[5]. Ao trazer as noções de representação de protagonistas para os livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do PNLD-2021, percebe-se que há um aumento na representação das mulheres negras não somente na dimensão da História, mas também da Geografia, Sociologia e Filosofia tendo em vista que os livros do Novo Ensino Médio abarcam todas essas áreas de conhecimento.

---

[2] Para saber mais sobre o decreto 4887/2003 acesse: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm.

[3] Prevista pela lei 12990/2014 para saber mais acesse: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12990.htm.

[4] Lei 7716/1989 para saber mais acesse: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm.

[5] Para mais informações acesse: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm.

3.1 Mulheres Negras Protagonistas: uma análise iconográfica

A seguir é posto em destaque imagens de mulheres negras englobadas na categoria de protagonistas. Em seguida há a descrição feita a partir da análise de conteúdo iconográfico.

Figura 1 – A influência feminina negra na cultura musical

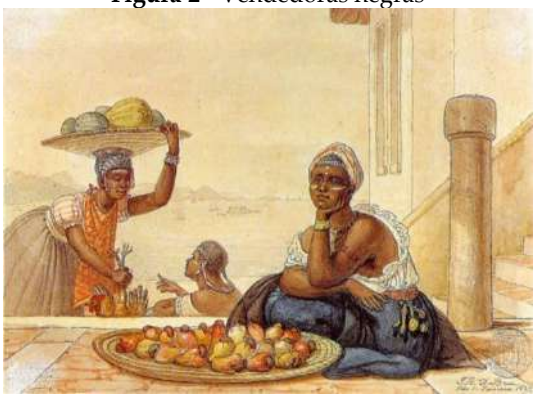
» *Show* de *rap* em São Paulo (SP), 2014. O *rap* se tornou uma importante manifestação artística que dá voz aos anseios e à visão de mundo da população negra e da periferia no Brasil.

Fonte: Boulos, Adão e Júnior (2020, p. 48).

Essa primeira figura é sobre a cultura musical brasileira e as modificações com o processo de globalização, exemplificando as manifestações rítmicas do rap, funk, hip-hop e k-pop que corroboram com o multiculturalismo. O tópico traz um enfoque para as mulheres negras que trabalharam como influenciadoras digitais no Brasil no ramo da moda e da beleza tendo como pauta as questões do racismo no país, a visibilidade e a valorização da beleza negra. Mediante essa temática, nota-se nas entrelinhas o discurso de empoderamento e da voz ativa das mulheres negras nas mídias digitais. Ainda nessa página há uma imagem de uma mulher negra se apresentando em um show de rap na cidade de São Paulo no ano de 2014 demonstrando a importância dessa

manifestação musical para a negritude e a resistência desses povos diante do racismo estrutural.

Figura 2 - Vendedoras negras



Fonte: Boulos, Adão e Júnior (2020, p. 23).

Na página 23 é colocado em destaque a pintura: *Mulher vendendo caju* do pintor Jean Debret datada do ano de 1827, que retrata a cena de três mulheres negras, nas quais 2 estão como vendedoras e uma como possível compradora. Uma das vendedoras está em pé com um imenso tacho na cabeça cheio de vegetais e com uma galinha a oferecer a outra mulher negra, a possível compradora, que está sentada se comunicando com a vendedora. Já a outra vendedora está sentada ao chão com cajus para vender e demonstra uma expressão facial melancólica e pensativa.

O comércio na época do Brasil escravocrata era atividade majoritariamente dos escravizados que garantia rentabilidade para seus senhores. Nesse sentido, pode-se perceber que no período da servidão as mulheres negras eram acometidas ao trabalho na área comercial para trazer renda para seus senhores.

Figura 3 – A voz ativa feminina pela luta revolucionária negra

Fonte: Boulos, Adão e Júnior (2020, p. 32).

Nessa página há um texto que trata sobre a atuação do movimento negro no período da ditadura militar brasileira. Ademais, explica o caráter racista da época desfaçado pelo mito da democracia racial e as formas de resistência do movimento negro pela democracia que fortaleceu cada vez mais a cultura africana e a negritude no Brasil. Entre os parágrafos do texto tem uma fotografia em preto e branco que representa um comício de rua em Raleigh nos EUA (descrição da legenda) e dando foco para uma mulher negra, Angela Davis, uma das ativistas responsáveis pela luta revolucionária negra. Na foto ela está no palanque do comício falando com o povo.

A partir da imagem, nota-se o protagonismo feminino negro e a busca pelo lugar de fala que durante muito tempo só era concedido aos homens brancos. Mas, com o passar dos tempos tendo a resistência como símbolo de destaque a população negra foi lutando e conseguindo seus direitos e lugares de representatividade.

Figura 4 – Intelectuais femininas negras e o poder de fala na sociedade

Fonte: Boulos, Adão e Júnior (2020, p. 37).

Há um texto que fala sobre as lideranças femininas negras que trabalham sobre a temática do racismo sendo apresentada duas intelectuais femininas negras: Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro que são filósofas. O texto ainda mostra uma biografia resumida das intelectuais, suas principais obras escritas e suas atuações como ativistas. Além disso, é colocada a foto de Sueli em sua capa do livro intitulado: Escritos de uma vida. Já o da Djamila, a foto é do dia do lançamento do livro do Pequeno Manual Antirracista.

Essas mulheres citadas são exemplos de mulheres protagonistas que mesmo diante de tanto preconceito racial e de gênero buscam lugares de fala e visibilidade na sociedade brasileira em prol de combater o racismo e o sexismo muito bem elucidados em suas obras.

Figura 5 – Abaixo a ditadura da padronização de beleza e orgulho de seus cabelos naturais

Fonte: Boulos, Adão e Júnior (2020, p. 80-81).

Nessa página o texto traz à tona o projeto Identidade Étnica Cacheadas, Crespas e Trançadas de Maracanaú-Ce. O projeto é fruto da iniciativa da escola de ensino de infantil e fundamental que tem como nome "Construindo o Saber", no qual tem como objetivo combater o racismo na escola através do compartilhamento de depoimentos de meninas negras que sofreram/sofrem com o preconceito ou discriminação por conta dos seus cabelos cacheados, crespos ou trançados e que hoje assumem seus cabelos naturais e tem orgulho dos seus traços étnicos. Ao lado esquerdo da página 80 tem uma foto que segundo a legenda representa a marcha do Orgulho Crespo em São Paulo no ano de 2015. Esse evento foi realizado pelo movimento negro em comemoração ao dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, mulheres resistentes em suas lutas em prol de seus direitos.

Na foto, mostra várias mulheres negras e pardas com variados estilos de cabelos, militando na marcha. A partir do entendimento sobre o projeto que visa uma educação antirracista e da foto apresentada, fica evidente a importância da valorização dos traços fenótipos do povo negro e do empoderamento das mulheres em exaltar suas belezas naturais não se submetendo aos padrões de beleza impostos pela sociedade.

Figura 6 – Ruth de Sousa: A busca incansável pelo estrelato

Notícias de Ébano

ÓRGÃO NOTICIOSO DO "ÉBANO ATLÉTICO CLUBE"

Num. 1 | Santos — Outubro de 1957 | Ano 1

Nossa Apresentação

RUTH DE SOUSA

Primeira página do jornal *Notícias de Ébano*, em 1957, integrante do movimento conhecido como Imprensa Negra Paulista, que visava combater a discriminação racial.

Fonte: Cotrim et al. (2020, p. 72).

Segundo a legenda da figura é retratada na primeira página do jornal Notícias de Ébano do ano de 1957, a trajetória de vida atriz Ruth de Sousa. Vale destacar que esse jornal era vinculado ao movimento da imprensa negra paulista que circulava na época da pós-abolição. Esse jornal objetivava combater o preconceito e discriminação racial. As pautas do jornal eram voltadas para assuntos da vida social dos negros e da vida em geral da população negra. Nessa manchete tem a foto e a história de vida de Ruth de Sousa que durante sua vida lutou em busca do seu sonho de se tornar uma atriz reconhecida. Desde a infância Ruth foi vítima de preconceito e desacreditada de seu potencial artístico, no entanto ela não desistiu e continuou lutando por seu sonho de ser atriz até que conseguiu sendo a pioneira negra na indústria dramaturga estreando em teatros, filmes e em novelas e adquirindo reconhecimento nacional e até internacional.

Ruth se tornou símbolo de resistência e luta no combate ao preconceito racial e quebrando estereótipos construídos em torno dos personagens negros e da presença negra no meio artístico, tendo em vista que por um longo tempo as (os) artistas negras (os) foram destinadas (os) os papéis de coadjuvantes e/ou figurantes das tramas. Nesse sentido, a partir dos movimentos negros e a luta por representatividade no meio social, político, econômico e artístico os povos negros foram construindo seus espaços de representatividade e de reconhecimento.

Figura 7 – Quebradeiras de coco-babaçu: guardiãs do patrimônio natural

Quebradeiras de coco-babaçu trabalhando comunitariamente, no povoado São José de Lagoa, no município de Viana (MA), em 2019.

Fonte: Cotrim et al. (2020, p. 116-117).

Na página 116, o texto traz como pauta a luta pelo acesso ao coco-babaçu e os desafios da busca pela preservação desse recurso natural e da tradição da identidade coletiva a partir do trabalho extrativista. A luta coletiva pelo acesso ao coco-babaçu vem das mulheres quebradeiras de coco que buscam ter acesso ao território e aos cocos para trazer sustento para suas famílias.

A partir do texto e de pesquisas realizadas na internet em busca de informações adicionais e do vídeo indicado no livro sobre essas mulheres, nota-se que as quebradeiras de coco-babaçu são símbolo de luta pela preservação ambiental das regiões dos babaçuais, fomentando a economia e assegurando a valorização da cultura local das comunidades tradicionais. Abaixo do texto há

uma foto das quebradeiras de coco-babaçu trabalhando coletivamente no povoado de São José de Lagoa no Maranhão datada do ano de 2019 (de acordo com a legenda). Ainda há a referência de um vídeo que mostra a história dessas mulheres que salvaguardam esse patrimônio natural.

Figura 8 – Luta constante pelos direitos das mulheres: o não ao racismo e a discriminação

Fonte: Cotrim et al. (2020, p. 25).

O texto traz como temática os avanços e conquistas que as mulheres alcançaram ao longo da História diante de uma sociedade sexista que privava e proibia as mulheres de se comportarem e viverem como desejavam. Ademais, cita algumas reivindicações das lutas feministas como: voto político feminino, direito de ser eleita em cargos públicos, acesso à educação, equidade salarial, combate e fim da violência sexual e doméstica.

Por fim, listam algumas conquistas adquiridas pelas lutas feministas no Brasil como por exemplo: direito ao voto no ano de 1932, comercialização da pílula anticoncepcional em 1960 e as leis: Maria da Penha (2006) e do feminicídio (2015).

No lado direito da página é ilustrado com uma foto em preto e branco de Lélia Gonzalez, uma intelectual negra brasileira, que

lutou contra o racismo e a discriminação racial sendo militante feminista em defesa dos diretos das mulheres negras.

Ao ser analisado esse conteúdo, conclui-se o avanço dos estudos de gênero nos livros didáticos e a importância de debater criticamente esses temas para dar visibilidade a outros sujeitos históricos subalternizados como é o caso das mulheres.

Figura 9 – Evento em prol das mulheres negras

Fonte: Cotrim et al. (2020, p. 95).

Nessa página há 2 fotos, das quais uma delas merece destaque, a segunda foto. Que de acordo com a legenda representa o Encontro Nacional de Mulheres Negras. O evento aconteceu em dezembro de 2018 e contou com a participação de várias ativistas negras brasileiras e estrangeiras. Algumas discussões feitas no encontro tratavam sobre o racismo e a representatividade feminina negra no Brasil. Essa imagem também representa nas entrelinhas a busca pelos lugares de fala e a valorização da cultura e dos laços étnicos da negritude.

Figura 10 – A voz feminina negra na literatura afro-brasileira

Fonte: Cotrim et al. (2020, p. 18).

No texto dessa página é discorrido sobre a linguagem, a comunicação e suas importâncias na cultura, na formação da consciência coletiva, nas práticas sociais e individuais. Ao final do texto há a foto de Conceição de Evaristo, mulher negra, linguista e escritora afro-brasileira.

Sendo ela uma das escritoras mais importantes da contemporaneidade se destacando por ressaltar em suas obras as suas experiências pessoais e sociais diante do preconceito e discriminação racial e principalmente a condição feminina negra na sociedade. Suas obras mais famosas são Ponciá Vicêncio, Insubmissas lágrimas de mulheres e Olhos d 'água.

Nota-se, assim, que a partir da literatura, Conceição de Evaristo consegue conquistar seu lugar de fala e se tornar porta-voz de suas lutas sociais e ser um exemplo de representação pública do feminismo negro.

De modo geral, as representações pautadas na categoria de mulheres negras como protagonistas tanto no meio histórico por intermédio da luta e persistência por seus lugares de representação e fala na literatura, no campo artístico, no social e no mundo do trabalho alicerçado nesse contexto das lutas por direitos civis, equidade de gênero e combate ao racismo.

Na seção seguinte é discutido acerca do conceito de coadjuvantes tendo como foco as mulheres negras nos livros didáticos.

4. MULHERES NEGRAS COADJUVANTES

Assim como a categoria de protagonista, a de coadjuvante também é bastante difundida no meio artístico e literário. Mediante as palavras de Santos e Costa (2008) a definição de coadjuvante é o papel secundário dado aos personagens tidos como menos importantes da trama em relação ao protagonista que detém maior destaque e importância. Ao levar o conceito de coadjuvante para a área de História precisamente para categorizar as mulheres em especial as negras, tal palavra pode ser definida como a posição adquirida pelo público feminino diante da historiografia oficial que classifica os homens como heróis detentores de toda a fama nos processos históricos, enquanto asmulheres mesmo participando ativamente ficaram à sombra dos homens, sendo enclausuradas ao esquecimento e silenciamento da memória e História coletiva. Ginity (2015, p. 925) acrescenta:

> As mulheres consideradas como atuantes são aquelas que estão em algum tipo de manifestação de resistência, exercendo uma profissão específica ou quando o texto fala especificamente sobre a figura da mulher, dependendo da forma que este se refere. A posição da mulher é tida como espectadora quando ela é tida apenas como uma espécie de ilustração, ou seja, como acessório.

Essa posição de acessório e agente coadjuvante é colocada em voga, por exemplo, quando a ilustração/imagem presente no livro didático é posta meramente como mecanismo ilustrativo sem se deter as múltiplas interpretações que vão para além dos textos e imagens em si. Como elucida Baldiserra (2010, p. 252): "[...] não se dá conta de que aquela ilustração, às vezes com ar tão inocente, pode estar justamente negando tudo aquilo que seu discurso

escrito apresenta; outras vezes, ela revela justamente o que pretendia esconder".

Ao analisar os livros didáticos acerca da posição de coadjuvância das mulheres negras foram elaboradas descrições sobre as imagens das mulheres negras coadjuvantes.

4.1 Mulheres Negras Coadjuvantes: imagens que ecoam

Figura 11 – Ama de leite e sua posição subalterna na sociedade

Ama-Bahia. Cartão postal de Rodolpho Lindermann. Bahia, década de 1880.

Fonte: Boulos, Adão e Júnior (2020, p. 41).

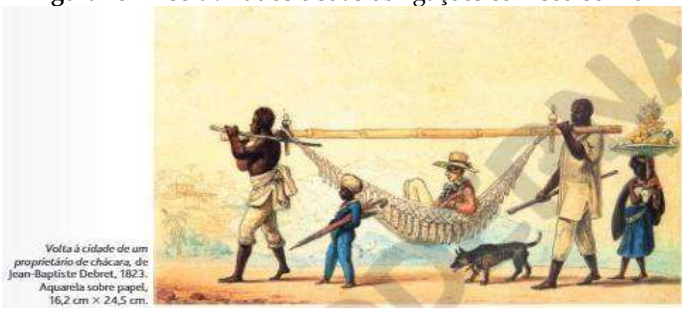
Nessa página há uma imagem que merece destaque. É um cartão postal de Rodolpho Lindermam da Bahia da década de 1880 intitulado *Ama-Bahia*, no qual representa uma mulhernegra, ama de leite, com uma criança branca envolvida em suas costas por um pano reforçando a importância da ama de leite como cuidadora e protetora desta criança.

Nesse tópico, as mulheres negras são colocadas na posição de escravizadas com longas jornadas de trabalho e ocupantes de

diversas atividades como: na agricultura, nos lares dos seus senhores com afazeres domésticos e amamentação das crianças, nos engenhos moendo cana, cuidando dos escravizados doentes, acidentados em tal atividade canavieira e fazendo os partos. Nos centros urbanos exerciam as atividades comerciais de venda de lenha, leite e cestos. A partir desse argumento apresentado, observa-se que as mulheres negras na maioria das vezes são representadas como cuidadoras desde os lares senhoriais até os comércios.

Junto a imagem da ama de leite há o complemento textual que citada as mulheres da elite, brancas, esposas dos donos de escravizados que não tinham o hábito de amamentar seus filhos destinando tal tarefa para as escravizadas. Essa relação entre mulheres da elite e mulheres negras escravizadas têm como elemento central a submissão de classe e raça alicerçada no pilar da servidão que faz com que as mulheres da elite ganhem mais visibilidade e destaque do que as mulheres negras deixando as mesmas à mercê da desigualdade de gênero e do papel de coadjuvantes.

Figura 13 – Escravizados e suas obrigações com seu senhor



Volta à cidade de um proprietário de chácara, de Jean-Baptiste Debret, 1823. Aquarela sobre papel, 16,2 cm × 24,5 cm.

Fonte: Cotrim et al. (2020, p. 112).

Essa é uma pintura de Jean Baptiste Debret do ano de 1823 intitulada: *Volta à cidade de um proprietário de chácara*. A tela é composta por um cachorro e cinco pessoas, das quais quatro são escravizados, sendo dois homens adultos e duas crianças, um

menino e uma menina. O homem acomodado na rede é o senhor dos escravizados que está sendo carregado em uma rede pelos dois homens, ou seja, os escravizados trabalhavam como meio de transporte de seus senhores na época do Brasil colônia.

As crianças ajudavam a carregar os adereços da viagem, o menino com um guarda-chuva para proteger o senhor do sol e a menina ficava responsável por carregar na cabeça os alimentos, água e coberta para manter o conforto do homem. A menina negra se encontra na posição de serva e cuidadora do senhor de escravizados e recebendo tarefas secundárias.

Outro ponto que pode ser destacado é a animalização dos escravizados vindo do ponto de vista de como os senhores enxergavam seus escravizados como "animais" submetidos a trabalhos pesados.

As representações iconográficas demostradas nos livros didáticos acerca do aspecto de coadjuvância das mulheres negras são delineadas através do setor trabalhista e da servidão sendo elucidadas questões voltadas para gênero, raça e desigualdade social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da pesquisa, notou-se que houve um grande avanço na inserção de temas voltados para os estudos de gênero tendo como temáticas o feminismo, o patriarcado, a desigualdade salarial de gênero, violência de gênero, lei Maria da Penha, direitos das mulheres conquistados ao longo da história, a inserção das mulheres na política e no mercado de trabalho.

Outro ponto a ser salientado está relacionado à representação das mulheres nos livros didáticos que majoritariamente é constituída por mulheres brancas, ricas e heterossexuais, havendo ainda em sua minoria mulheres negras e indígenas. No entanto, as mulheres negras estão presentes e integram a boa parte dos assuntos voltados à representatividade dando voz ativa para seus

direitos, lutas e firmamento de suas características culturais e traços étnicos.

Ao que tange aos lugares de representação do feminino negro nos livros didáticos, percebeu-se que as mulheres negras são representadas em certa medida no mundo do trabalho, tanto no passado escravocrata quanto na atualidade, com destaque para os trabalhos informais, desemprego e escassez da presença delas no mercado de trabalho.

Nas categorias de protagonistas e coadjuvantes, elas são vistas mais nas posições de protagonistas e em segundo plano como coadjuvantes, mas isso não significa que elas não são excluídas dos processos históricos que por muito tempo foram silenciadas. Cabe lembrar que a representação histórica pode ser caracterizada como uma luta de disputas, na qual alguns sujeitos históricos são invisibilizados.

Na tentativa de inserir esses sujeitos na história, é necessário lembrar que "o processo de representação, de produção de identidades, de constituição do sujeito não é realizado de uma vez por todas; pelo contrário, é necessário um processo de repetição contínua" (Sabat, 2004, p. 98). E também é preciso uma problematização crítica acerca dessas representações nas aulas de História, cabendo ao professor mediar e ressignificar a história ensinada nos livros didáticos mostrando ao educando a outra versão da história, os diversos sujeitos históricos e as lutas pela representação. Possibilitando assim uma educação transgressora, decolonial e antirracista.

Por fim, ao falar sobre mulheres, feminismo e gênero, essas temáticas possam ser pautadas em uma lógica interseccional para compreender o contexto de particularidade que envolve e inclui todas essas mulheres para pensar para além da busca da igualdade indo de encontro ao respeito à diversidade.

A partir da pesquisa realizada ficou evidente, portanto, a necessidade de trabalhar as questões de gênero e da História das mulheres dentro do âmbito escolar proporcionando o desenvolvimento de uma consciência crítica e uma aprendizagem

significativa tendo como foco uma educação antirracista e antissexista com intuito de formar cidadãos críticos que respeitem a alteridade.

REFERÊNCIAS

BALDISSERA, José Alberto. Imagem e construção do conhecimento histórico. *In*: BARROSO, Véra Maciel et al. **Ensino de história: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: EST/Exclamação/ANPUH, 2010. p. 247-265.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAIMI, Flávia Eloísa. MISTURA, Letícia. Análise de Conteúdo e Análise do Discursos na pesquisa em ensino de História. *In*: ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet. **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. São Leopoldo: OIKOS, 2021. p. 153-167.

GANCHO. Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7a ed. Editora Ática, 2002.

GINITY. Eliane Goulart Mac. Imagens de mulheres nos livros didáticos de história. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, num. 3, vol. 2, jul/dez. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SABAT, Ruth. Só as bem quietinhas vão casar. *In*: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 95-106.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro: uma história da formação do país**. São Paulo: Todavia, 2022.

FONTES

Coleção completa dos livros didáticos da **Multiversos** disponível online e em pdf no link: https://pnld.ftd.com.br/ensino-medio/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas/multiversos-ciencias-humanas/ Acesso em: 10/08/2022.

Coleção completa dos livros didáticos da **Conexão** disponível online e em pdf no link: https://pnld.moderna.com.br/ensino-medio/obras-didaticas/area-de conhecimento/ciencias-humanas-e-sociais/conexoes. Acesso em: 10/08/2022.

BOULOS, Júnior Alfredo. Multiversos: Ciências Humanas: **globalização, tempo e espaço**: ensino médio / Alfredo Boulos Júnior, Edilson Adão Cândido da Silva, Laercio Furquim Júnior. 1 ed. São Paulo: FTD, 2020.

BOULOS, Júnior Alfredo. Multiversos: Ciências Humanas: **trabalho, tecnologia e desigualdade**: ensino médio / Alfredo Boulos Júnior, Edilson Adão Cândido da Silva, Laercio Furquim Júnior. 1 ed. São Paulo: FTD, 2020.

BOULOS, Júnior Alfredo. Multiversos: Ciências Humanas: **ética, cultura e direitos**: ensino médio / Alfredo Boulos Júnior, Edilson Adão Cândido da Silva, Laercio Furquim Júnior. 1 ed. São Paulo: FTD, 2020.

BOULOS, Júnior Alfredo. Multiversos: Ciências Humanas: **populações, territórios e fronteiras**: ensino médio / Alfredo Boulos Júnior, Edilson Adão Cândido da Silva, Laercio Furquim Júnior. 1 ed. São Paulo: FTD, 2020.

BOULOS, Júnior Alfredo. Multiversos: Ciências Humanas: **política, conflitos e cidadania**: ensino médio / Alfredo Boulos Júnior, Edilson Adão Cândido da Silva, Laercio Furquim Júnior. 1 ed. São Paulo: FTD, 2020.

BOULOS, Júnior Alfredo. Multiversos: Ciências Humanas: **sociedade, natureza e sustentabilidade** / Alfredo Boulos Júnior, Edilson Adão Cândido da Silva, Laercio Furquim Júnior. 1 ed. São Paulo: FTD, 2020.

COTRIM, Gilberto. Conexões: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: manual do professor / Gilberto Cotrim, Angela Corrêa da Silva, Ruy Lozano, Alexandre Alves, Letícia Fagundes de Oliveira, Marília Moschkovich. **Ciências, cultura e sociedade**. [et al.]. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2020.

COTRIM, Gilberto. Conexões: Ciências humanas e sociais aplicadas: manual do professor / Gilberto Cotrim, Angela Corrêa da Silva, Ruy Lozano, Alexandre Alves, Letícia Fagundes de Oliveira, Marília Moschkovich. **População, territórios e fronteiras**. [et al.]. 1 ed. São Paulo:Moderna, 2020.

COTRIM, Gilberto. Conexões: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: manual do professor / Gilberto Cotrim, Angela Corrêa da Silva, Ruy Lozano, Alexandre Alves, Letícia Fagundes de Oliveira, Marília Moschkovich. **Sociedade e meio ambiente**. [et al.]. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2020.

COTRIM, Gilberto. Conexões: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: manual do professor / Gilberto Cotrim, Angela Corrêa da Silva, Ruy Lozano, Alexandre Alves, Letícia Fagundes de Oliveira, Marília Moschkovich. **Ética e cidadania**. [et al.]. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2020.

COTRIM, Gilberto. Conexões: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: manual do professor / Gilberto Cotrim, Angela Corrêa da Silva, Ruy Lozano, Alexandre Alves, Letícia Fagundes de Oliveira, Marília Moschkovich. **Estado, poder e democracia**. [et al.]. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2020.

COTRIM, Gilberto. Conexões: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: manual do professor / Gilberto Cotrim, Angela Corrêa da Silva, Ruy Lozano, Alexandre Alves, Letícia Fagundes de Oliveira, Marília Moschkovich. **Trabalho e transformação social**. [et al.]. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2020.

UM ESTUDO SOBRE OS AFRICANISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Francisca Sabrina Cordeiro de Oliveira
Adílio Junior de Souza

1. INTRODUÇÃO[1]

Com o intuito de abordar a chegada de pessoas negras em território brasileiro, visto que ocorreu uma mistura de dialetos através da herança linguística deixada por esses povos. Formava-se a base do que seria o português falado atualmente, e de algumas características linguísticas que se situam no dialeto de algumas regiões nordestina do país. Como citado por Petter e Fiorin no livro *África no Brasil* (2008). Esses povos fizeram parte da construção do léxico do português brasileiro, porém essa importância foi contestada por estudiosos, que voltaram suas pesquisas para a herança do *tupi*, e as influências vindas da Europa, tais como na França.

Com base bibliográfica se fará uma análise a respeito da origem desses povos e de como o dialeto modificado se caracterizou em determinadas regiões nordestinas, o porquê dessa modificação no léxico do português não ter sido estudada com mais afinco, já que foi um passo importante para a dependência do português brasileiro. O presente trabalho destaca a importância que as línguas trazidas por povos africanos, e que trouxeram para a estrutura do português brasileiro falado pelos nordestinos. Neste estudo, portanto, analisaremos *itens lexicais*

[1] Capítulo originário de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado no Curso de Letras, na Universidade Regional do Cariri, *Campus* Pimenta, sob orientação do Prof. Adílio Junior de Souza, em 2024.

que compunham este rico vocabulário presente em algumas regiões nordestinas do país.

Passando a ser um dos maiores patrimônios deixados pela colonização do país, havendo poucos registros nessa área, não por falta de interesse de partes, mas sim, por falta de uma base sólida, esta proposta pretende reunir os principais estudos, a fim de compreender a herança dos *superstratos* de origens africanas deixadas por esses povos e, como isso contribuiu para a formação do português do Brasil.

Os Tumbeiros desembarcaram em terras brasileiras, com povos tirados de seus locais de origem para servirem de mão de obra escrava nos plantios de cana-de-açúcar, de acordo com o site do IBGE, aproximadamente 4 milhões, em sua grande maioria, homens negros jovens, chegaram em terras brasileiras, com o pico ocorrendo entre 1751 e 1760[2].

Por muito tempo as línguas que os escravos deixaram em solo brasileiro foram tidas por muitos como sem prestígio, pois, apenas escravos e filhos de escravos as utilizavam, dificultando, assim, o registro ao decorrer dos séculos, por se tratar de línguas usadas por pessoas mais pobres. Desse modo, sucedeu-se até os dias atuais o preconceito acerca dessa herança linguística.

Com base em pesquisa exploratória, faremos uma análise acerca dessa herança linguística que o português brasileiro carrega em seu léxico, a fim de mostrar sua relevância para a estrutura do português e de como essa miscigenação afetou algumas regiões do nordeste do país. Os objetivos que se pretendem alcançar com o seguinte trabalho é ter uma visão ampla sobre as influências desses povos no léxico do português no decorrer dos tempos, e como foi dada a entrada em solo nordestino.

---

[2] IBGE Território **brasileiro e povoamento.** Disponível em: https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros. Acesso em: 02 out. 2023.

Interessa, neste estudo, portanto, conhecer a origem dos povos africanos que migraram para as terras brasileiras, quem foram esses povos, de quais regiões da África foi feita sua retirada, reconhecer quais itens lexicais que foram herdados das línguas africanas que aqui estavam. Fazer uma abordagem sobre o estigma que se há acerca dessa mistura de povos que se estende até a atualidade.

O método abordado para a construção deste artigo, foi de base bibliográfica, com revisão de literatura que consiste na análise de algumas produções acadêmicas e científicas de autores voltados a pesquisa dessa herança linguística. Pesquisas como a de Margarida Petter (2005), que aborda o legado que esses povos deixaram, como também de outros autores de grande relevância para esses estudos considerados tão complexos.

Este estudo está dividido nas seguintes partes: uma abordagem histórica sobre vinda de povos africanos para terras Brasileiras, uma análise da herança linguística deixada por essas pessoas e de como chegaram em solo nordestino, e por último uma seção dedicada ao estudo do estigma causado por esse legado que se perpetuou por séculos seguintes, trazendo para reflexão autores tais como Bagno (2016), que apontou esse preconceito enraizado na história do Brasil.

2. INÍCIO DA VINDA DAS PRIMEIRAS PESSOAS NEGRAS

Não se tem uma data precisa de quando começou a vinda dos primeiros navios negreiros para o Brasil (Rodrigues, 2010). Registros apontam que antes do destino dos negros escravizados serem os portos brasileiros, já tinham povos africanos sendo levados para o trabalho escravo em outras partes do mundo. Portugal foi um dos países a receber os maiores números de pessoas negras para o trabalho escravo e transportá-los para terras recém-descobertas.

Logo após o descobrimento do Brasil, por Pedro Álvares Cabral em 1500, iniciavam-se as explorações da nova terra, no

decorrer dos tempos, foram aqui se instalando os primeiros senhores donos de terras, e para manter as suas riquezas, exploravam os povos que aqui existiam.

Após anos, esses senhores expandiram seus domínios por várias regiões do país, a fim de explorarem a terra e no que poderia ser extraída dela, a demanda de mão de obra iniciou-se com as primeiras plantações de cana-de-açúcar, os portugueses que aqui se instalavam, viram uma necessidade de ter mais trabalhadores em suas plantações, decorrente da escassez de indígenas, que cediam aos duros castigos, ou eram protegidos pelos jesuítas, ou muitas vezes, eram exterminados, mortos.

Iniciava-se, então, a vinda dos escravos, capturados em suas terras, por motivos muitas vezes fúteis. Eram eles trazidos para o trabalho forçado, sem direito a quaisquer tipos de pagamentos e sujeitos as duras punições, os escravos que aqui chegaram, saíam de várias partes do continente africano, eram eles postos em grandes embarcações, chamadas de Tumbeiros, "Tumba" intitulado assim, por uma grande maioria de negros que morriam em seus porões (MultiRio, 2019)[3].

Atravessavam o oceano em condições muitas vezes insalubres, em lugares apertados e abafados, muitos desses homens e mulheres, não conseguiam chegar em seu destino, morrendo, eram eles jogados ao mar, ou deixados dentro dos próprios navios. Os homens e mulheres que sobreviveram a essa dura viagem, eram destinados aos trabalhos em grandes plantações, as mulheres por sua vez, trabalhavam em casas dos seus senhores, como cuidadoras, faxineiras e cozinheiras e escravas. Os negros que aqui chegaram, pertenciam a duas grandes etnias, os *sudaneses* da Nigéria, Daome e Costa do Marfim e os *bantos* do Congo, Angola e Moçambique (MultiRio, 2019).

---

[3] MULTIRIO. **O Tráfico Negreiro. Ocupação Litorânea**. Empresa Municipal de Multimeios Ltda. MultiRio, Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.multirio.rj.gov.br/. Acesso em: 02 out. 2023.

Muitos dos navios que chegaram a atracar em território brasileiro, desembarcaram em algumas cidades do Nordeste, por conta da demanda nas plantações de cana-de-açúcar, citado anteriormente. Com a influência desses povos chegados de várias regiões do continente africano, tornava-se impossível não haver uma miscigenação nas línguas que aqui já existiam. O *bilinguismo* passou a existir em território brasileiro com a chegada dos portugueses, contemplaram eles a beleza da nova terra, porém povoada por aldeias de povos indígenas. Partindo desse encontro, dois povos completamente diferentes, tanto na cultura como na língua, tiveram que se adaptar aos novos moradores inóspitos, que ao chegarem aqui impuseram sua língua e sua cultura aos povos que aqui já habitavam, dando início a outro movimento histórico, chamando de *diglossia*[4], como citado no texto de Cardeira.

> A diglossia é um tipo de bilinguismo em que uma das línguas tem um estatuto superior. Podemos considerar diversos casos: uma situação em que os falantes usam duas línguas diferentes, sendo o uso de cada uma dessas línguas delimitado segundo o contexto, e em que nenhuma língua ameaça a sobrevivência da outra (Cardeira, 2021, p. 3).

Sucede-se assim, com a língua portuguesa que tinha um *status* de soberania sobre a língua dos povos indígenas, e tempos depois se sobreponha a língua das pessoas negras. Iniciava-se uma mistura de povos, um processo de miscigenação, em que uma língua de um povo se funde à outra de outro povo, com o decorrer dos tempos, sem que ambos os lados perdessem por completo suas particularidades.

Esse contato recebe outras terminologias, em que as línguas recém-chegadas tiveram com os portugueses, e os povos originários que aqui já estavam, como é apresentado em Cardeira (2021) em que é citado o *crioulismo* ou *línguas crioulas*, segundo a autora a língua crioula é dada a partir da complexidade de um

[4] A mesma autora também explica o conceito de *bilinguismo* no mesmo trecho, a saber: "BILINGUISMO — coexistência, na mesma comunidade ou no mesmo indivíduo, de duas línguas diferentes" (Cardeira, 2021, p. 3).

pidgin, não se tem falantes nativos do *pidgin*, porém ele pode servir de base para a língua crioula quando se torna a primeira língua de uma comunidade. (Cardeira, 2021, p. 9)

A complexidade desses povos que aqui chegaram, alteraria consideravelmente o modo como o português se apresentaria nos séculos seguintes, como citado por Ângelo e Silva (2017, p. 2) em seu texto, quando dito que:

> A língua brasileira é resultado de várias misturas de raças, de pessoas de outros países como os portugueses e os africanos, e dos próprios indígenas. Sendo assim, é muito importante considerar a atuação dos negros africanos, como participantes ativos da estruturação da identidade linguística brasileira.

A maioria desses povos desembarcaram em solo baiano, sendo a maior parte deles do grupo étnico *bantos*, por pertencer a uma grande parte geográfica, de lá eram vendidos como "animais" para os senhores donos de plantações, a fim de que trabalhassem até o fim de suas vidas, sem qualquer direito. Em terras estrangeiras e forçados a se comunicarem na língua dos seus senhores, esses povos não viram outra solução a não ser aprender a língua dos portugueses. Guerreiro (2015, p. 5) comenta em seu texto:

> No que se refere à inserção vocabular das línguas africanas no PB, o negro não conseguia aprender na perfeição o português e o adaptava ao seu modo, cortando vocábulos e ajustando de maneira que fosse mais fácil para a sua comunicação, característica que é peculiar da pronúncia do PB.

A língua modificada pelas pessoas negras serviria mais tarde como uma língua "secreta", facilitando a comunicação entre eles, esse método era utilizado para ocultar segredo e os planejamentos de fugas entre si (Guerreiro, 2015). Para alguns estudiosos, diziam existir dois diferentes idiomas falados em solo brasileiro, no período de colonização, o português dito "certo", ou o idioma da elite, por ser uma língua de mais prestígio e só os donos de terras tinham o domínio, do outro lado, estava o português denominado

"errado". O português "errado", que pertencia aos povos escravizados, por terem pouco conhecimento, cometia erros na fala, que mais tarde acrescentaria ao repertório do português brasileiro, como dito por Guerreiro (2015, p. 7):

> Essas são particularidades aceitáveis para um aprendente de uma segunda língua, pois os escravos negros não tinham acesso à educação escolar e tampouco tinham conhecimento das regras gramaticais da língua do branco. Este modo "errado" e adaptado do falar do negro provocou alterações relevantes no PB, originou alterações fonéticas e acrescentou muitas palavras ao PB, enriquecendo de maneira admirável o seu léxico. As alterações fonéticas contribuíram extraordinariamente para a transformação da pronúncia brasileira.

Tem-se o registro que a língua predominante durante o tráfico negreiro foi a língua *banta*, de acordo com Ferreira (2021), no seu estudo *A identidade negra e africana do cearense*, a língua *banta* não é um idioma em si, é um conjunto de dialetos que se derivam de um mesmo idioma, dos principais grupos étnicos, os *Congolenses* e os *Angolanos*. As línguas das pessoas negras iniciavam o processo de modificações dentro dos próprios navios, entrando em terras brasileiras, foram elas fundamentais na estrutura do português.

Em terras nordestinas já havia a presença da língua *banta*, em sua grande maioria na região baiana. De acordo com Ferreira (2021), a entrada desses povos no Ceará não foi dada diretamente, mas através de estados vizinhos, tais como: Pernambuco, Maranhão e Bahia. Segundo a pesquisa, há registro da língua *banta* no Ceará, porém, os dialetos que mais se caracterizaram foram os congo-angolanos, um dos grandes contribuintes para o dialeto falado no Ceará, bem como também para a cultura (Ferreira, 2021).

Não se pode negar a contribuição tanto linguística como cultural que os povos africanos trouxeram ao chegarem em terras brasileiras, influenciando no dialeto próprio de cada região. Por muito tempo, houve uma exclusão das línguas trazidas pelas pessoas

negras, quinhentos anos se passaram, atualmente, esse dialeto sobrevive por meio de grupos específicos de pessoas ou por meio da religião, ou presente de forma sutil em frases e palavras.

O fato desse dialeto sobreviver por meio da religião deixada por esses povos que aqui viveram, dificulta o estudo, uma vez que nem todos puderam ter acesso ao dialeto, por fazerem parte de cultos secretos pertencentes a descendentes desses escravizados (Petter, 2005). Para embasar seu estudo, Petter (2005) menciona Van Gennep, em seu artigo *Línguas africanas no Brasil*, para enfatizar que, essas línguas não têm mais sua originalidade, sua plenitude, mas mostram traços herdados do português que aqui estava.

2.1 Origem dos povos africanos que chegaram em terras brasileiras

Por volta do século XV, iniciava-se o tráfico negreiro entre países, pessoas negras eram levadas da África para regiões europeias, como mercadorias, perdendo sua liberdade ao serem vendidos para os europeus. Sendo o destino o trabalho pesado sem quaisquer direitos, no Brasil não se tem uma data precisa para a chegada das primeiras embarcações, trazendo em seus interiores, homens e mulheres capturados em suas regiões de origem. Os primeiros registros que se pode obter desse fato histórico e importante para o Brasil, foram de homens e mulheres, capturados em regiões da África, como no *Congo*, *Angola* e *Moçambique* (MultiRio, 2019).

Dado o momento de suas entradas em embarcações europeias, essas pessoas perdiam sua liberdade e qualquer direito que antes tiveram, quanto mais pessoas nas embarcações, era sinal de lucros maiores, por esse motivo os navios eram superlotados. As viagens tinham longas durações, de Angola a Brasil durava 35 dias, os navios negreiros tinham péssimas estruturas e não comportavam tantas pessoas a bordo. As pessoas negras capturadas faziam essas viagens presos abaixo do convés, em lugares extremamente apertados e insalubres.

Aproximadamente estima-se que 4 milhões de descendentes africanos chegaram em terras brasileiras através dos tumbeiros, o Brasil foi um dos países que mais participou ativamente do tráfico negreiro durante sua colonização, quase 70% das pessoas que entraram em solo brasileiro eram pessoas negras. Mesmo depois de assinarem um termo que proibiam o tráfico de negros, o Brasil resistiu até meados dos anos 1580, portanto, final do século XVI (IBGE, 2000).

De acordo com o site do IBGE[5] 1.891.400 foi o total de pessoas negras que entraram no país entre 1701 e 1801, pertencente ao território da Costa do Marfim (605 pessoas), da Angola (1.285.90 pessoas), com os principais destinos a algumas regiões do país, sendo elas: Recife, em Pernambuco, Salvador, na Bahia e Rio de Janeiro (Altino, 2022).

Não é segredo que a base da economia brasileira se deu por esses homens e mulheres, que foram tirados de suas terras e jogados em terras estrangeiras, para serem tratadas como mercadorias, com um futuro incerto, viram eles a necessidade de se adaptar às novas vidas que aqui levavam, pois, qualquer um que fosse contra o regime dos seus senhores, poderia ser severamente punido ou até mesmo morto.

2.1.1 Palavras e estrutura da língua banta

Quinhentos anos de descobrimento do Brasil, a entrada desses povos, foi fundamental tanto para a economia brasileira como para o português que falamos atualmente, essas pessoas tiveram grande participação na estrutura lexical do português. Essas intervenções podem ser dadas por meio da evolução da fonética, fonológica, morfológica e lexical (Souza, 2017). Sabe-se que a grande maioria dessas pessoas que entraram no Brasil por

[5] As informações com dados aqui expostas foram extraídas tanto da reportagem do Altino (2022) quanto do portal do IBGE. Para ver mais sobre esse assunto, consultar: https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros.

meio do tráfico negreiro foi de origem Banta, sendo eles da África Central, que correspondiam à maior parte geográfica. A língua *Banta* tem consigo características que as destacam.

Figura 1 - Características da língua banta

1. Monotongação dos ditongos portugueses;
2. Perda de nasalização das consoantes iniciais dos itens emprestados às línguas africanas;
3. Presença de vogais epentéticas e/ou paragógicas;
4. Substituição da africada palatal [tʃ] pela palatal simples [ʃ];
5. Substituição da africada palatal sonora [dʒ] pela palatal simples [ʒ];
6. Substituição da vibrante [r] pela líquida [l];
7. Neutralização da oposição [e] ~ [ɛ] em posição inicial ou média de um item;
8. Neutralização da oposição [o] ~ [ɔ] em posição inicial ou média de um item;
9. Substituição da lateral palatal [ʎ] pela dental [l];
10. Sonorização das consoantes surdas portuguesas;
11. Substituição da palatal sonora [ʒ] pela alveolar sonora [z];
12. Nasalização das consoantes orais portuguesas;
13. Substituição da ênclise pronominal pela próclise;
14. Singularização dos plurais de itens emprestados às línguas africanas;
15. Apassivação verbal.

Fonte: Mingas (1998, p. 11).

Por esse motivo a fala desses povos foi considerada por muito tempo como o português "errado". Em uma terra completamente estranha, a chegada desses povos em território brasileiro, como método de se moldar à nova realidade, tiveram que se habituar à língua que já estava aqui, em uma tentativa de serem compreendidos, foram aperfeiçoando o português dos colonizadores da maneira que podiam. Como citado no texto de Jesus e Abbade (2011, p. 1): "Não é possível ver a cultura dissociada da identidade de um povo", o que nos mostra como foi dada essa mistura de cultura e costumes. Muitas dessas pessoas

vindas do continente africano trouxeram consigo suas particularidades, como suas religiões, pratos típicos de seu país e seus idiomas.

Tendo uma grande participação na culinária, muitos de seus alimentos foram eternizados na história do Brasil, alguns pratos que tem a descendência africana, tais como: *feijoada, mungunzá, vatapá, bobó de camarão, acarajé, vinagrete*, etc. E dos portugueses temos a herança: *bacalhau, pastel de Natal,* que em algumas regiões do Brasil tem nomes diferentes, e o vinho do Porto. Mostrando a importância que a cultura trazida por esses povos foi de grande relevância, sem deixar de lado a mistura que tiveram com os povos que já estavam aqui, construindo, assim, a cultura brasileira. Porém, Jesus e Abbade (2011, p. 1) citam:

> No entanto, há uma lacuna entre conhecer essas origens e reconhecê-las como características identitárias, pois o desprestígio e a vergonha foram marcados a ferro na alma. O Brasil não assumiu essa herança nem, tão pouco, a sua história, jogando à margem todos aqueles que eram frutos dessa origem, cuja voz e as dores não ecoavam, os estereótipos eram criados e impregnados ao seu ser.

Uma luta que precisou ser travada por séculos, para só então conseguirem seu devido espaço na história da construção do Brasil. Como citado no texto de López (2012) em que irá falar que, muitas línguas entram em solo brasileiro, porém os registros que se podem obter delas foram escassos, devido à repreensão que esses povos sofreram.

3. ANÁLISES DOS AFRICANISMOS

Sabe-se que a língua portuguesa é um reflexo de várias misturas, durante o período da colonização das terras brasileiras, como visto anteriormente. O território brasileiro foi destino final desses povos, tirados de várias partes da África, para serem comercializados. Muitos desses homens e mulheres não conseguiam chegar vivos em seu destino, aqueles que conseguiam

sobreviver às duras viagens, trouxeram consigo seus dialetos, sua cultura, religião e culinária, que no decorrer dos séculos foram enriquecendo e se inserindo no português e na cultura brasileira.

Não se pode negar que antes que a língua das pessoas negras escravizadas servisse de material de estudo para vários historiadores, foi ela deixada de lado por séculos. Para muitos da época, esse português falado por eles foi modificado para que pudessem se comunicar com facilidade, foi tida como "impura", por fugir da estrutura do português dos grandes senhores, ou o português da elite.

Para Mattoso Câmara Jr., em seu *Dicionário de linguística e gramática* (2011), em que analisa o que seriam os *africanismos* no português brasileiro, o autor define esse termo como um conjunto de traços gerados a partir de um contato das línguas africanas com o português que aqui já se encontrava. Nas palavras do linguista:

> **AFRICANISMO** - traços linguísticos resultantes da interferência das línguas africanas e português, especialmente em português do Brasil, onde com a vinda em massa dos de negros para escravos, na época da colônia e primeiros tempos da nação, se constitui um substrato (v.) de língua-africanas, especialmente o IORUBÁ, das chamadas línguas sudanesas, no golfo da Guiné, e o QUIMBUNDO, do bloco bantu, no Sul do continente africano. (Câmara Jr., 2011, p. 51).

Esse trecho retoma o que já foi falado neste trabalho anteriormente, a existência do *substrato* das línguas que aqui já estavam, as línguas as quais citadas por ele foram as de maior destaque durante esse período, em que, aos poucos, foi se mesclando ao português dos colonizadores. Como dito, uma língua não extinguiu a outra, mas sim junto elas se formou uma *hibridização*. Ambas coexistiram mantendo as características de cada uma. Mais adiante, o autor complementa:

> No português do Brasil tem-se procurado descobrir a influência africana na pronúncia e na sintaxe (cf. Mendonça, 1933) para explicar certas evoluções peculiares da língua popular e dialetal do Brasil, como a iotização(v.); mas é

> pacífico que não houve empréstimos de fonemas ou de tipos sintáticos (v.). Os africanismos são essencialmente empréstimos lexicais com adaptações à fonologia e à morfologia portuguesa [...]. (Câmara Jr., 2011. p. 52).

O português que aqui já estava após o período de colonização, em momento algum perdeu por completo suas características, acreditando-se que as línguas africanas que aqui chegaram serviram como acréscimos, contribuindo para certas alterações de ordem fonética, morfológica ou lexical, por exemplo, propiciando mudanças na forma como o português se apresentava. Muitas palavras herdadas dessas épocas ainda sobrevivem atualmente. Muitos pesquisadores tentam explicar suas existências e os meios pelos quais resistiram aos séculos.

Fiorin e Petter (2008) citam a importância dada para a família linguística *Tupi-Guarani*[6], isso é dado pelo fato de que os povos originários que aqui estavam, não foram eles escravizados em grandes números, esses povos foram chamados de "espíritos livres" pela resistência que tiveram à escravidão dos europeus, a língua pela qual os povos originários se comunicavam, espalhou-se por todo território brasileiro, sucedendo-se, assim, mais pesquisadores focando seus estudos sobre essa área de investigação.

Em contrapartida, não foi dada tanta importância às línguas africanas. No Livro *Africanismo no Brasil*, organizado por Fiorin e Petter (2008), há uma discussão sobre o valor dado a essa herança

[6] O tupi-guarani foi uma das primeiras famílias linguísticas a existir em solo brasileiro, como citado por Dietrich (2010, p. 9): "[...] Essa se chama tupi-guarani, nas classificações dos especialistas, porque o tupi(nambá) e o guarani foram as primeiras línguas documentadas da família e assim serviram como definição". Para esse autor, o grupo familiar dessas línguas é muito mais extenso, porém o registro que se tem delas, ainda são poucos ou nem ocorreram ainda. As que serviram como norte para os estudiosos em meio a tantas línguas, em sua grande maioria extintas, foi o tupi-guarani e tupinambá. Ambas se estendiam por todo continente americano. Em várias regiões tinham duas ou mais variações descendentes do mesmo núcleo familiar.

que faz parte da estrutura do português brasileiro, dando ênfase ao debate de que o português é uma *crioulização.*

Para que se entenda melhor o que seria uma língua crioula, precisa-se saber que a *crioulização* de uma língua vem de uma complexidade de um *pidgin*, que seria a junção de duas ou mais línguas por um certo período (Cardeira, 2021). O que pode ser observado do português é essa mistura que está presente em seu léxico, há quem diga que o crioulo de base europeia teria origem em uma única língua, isso responderia à semelhança que se tem em algumas palavras. Couto (2002, p. 224) argumenta:

> Além disso, ele salienta itens lexicais como a preposição na, que ocorre nos crioulos portugueses, nos espanhóis (inclusive no afro-espanhol de Cuba e de Porto Rico), no sarnam, no negerhollands, no haitiano, no crioulo francês de Trinidad e, possivelmente, no jamaicano.

Uma outra questão que não pode ser esquecida é que, além do fato da língua *crioula* e do *pidgin* serem uma explicação dos estudiosos a fim de ter uma base sobre a herança linguística, também se tem o *bilinguismo*, *substrato* superstrato, *adstrato* e a *diglossia*[7]. Todos esses termos foram usados para descrever o impacto que as línguas africanas (entre outras línguas) causaram no português brasileiro. Retomamos, assim, o conceito de *bilinguismo* evidenciado na *Gramática histórica do português europeu*, de Cardeira (2021), como mencionado em nota anterior. Nesse sentido, o *bilinguismo* pode ser notado na presença do Português de Portugal, nas línguas tupi e as várias línguas que chegaram da África, todas elas presentes em solo brasileiro no período da colonização. O contato entre essas línguas no decorrer do tempo fez com que uma delas conseguisse sobressair-se às demais, no caso, a língua portuguesa.

O que se pode afirmar, dadas as informações anteriores, é que tanto as línguas indígenas, juntamente com a latina, grega, francesa, espanhola, entre outros idiomas, tiveram sua parcela de

[7] Sobre essa terminologia, recomendamos a leitura de Faraco (2006).

participação na formação do português, não se pode deixar de fora a importância das línguas africanas nesse processo. Sobre esse tema, pode compreender que:

> Resultados preliminares desse trabalho (1992) evidenciam traços morfossintáticos que não se encontram na maior parte dos dialetos rurais: (i) o emprego das formas da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo em contextos nos quais se utilizar normalmente as formas do infinitivo; (iii) marca variável da 1ª pessoa do singular; (iv) dupla negação; (v) variação da concordância de números e de gênero no SN; (vi) proposições relativas sem pronome; (vi) presença variável do artigo definido no SN com referência definida. (Fiorin; Petter, 2008, p. 19).

Concordemos que o português brasileiro seria uma mistura de várias outras línguas, ao observamos o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascente (1955) é possível concluir que, não só as línguas oriundas da África tiveram sua participação na construção do português brasileiro, mas uma grande parte de línguas europeias.

Sabe-se da importância que as línguas europeias tiveram, porém, ao dar atenção a essa parte da história, é esquecido quase que por completo a parte em que essas influências chegaram em solo brasileiro por meio de pessoas arrancadas de seus territórios, esse descaso acontece pelo simples fato de que os negros que aqui chegaram eram ditos como a classe baixa da sociedade, se perpetuando pôr séculos seguintes, como citado por Puzzinato e Aguilera, (2006, p. 4):

> Silva Neto defende que a influência africana se deu principalmente no contexto rural, que não pôde jamais ser grande na cidade, porque a situação econômica do negro, assim como sua origem e cor não o ligavam às classes mais prestigiadas da população. Sempre existiu no Brasil certo preconceito de cor ou de raça. Indivíduos de cor diferente da dos brancos foram sempre considerados inferiores.

É clara a rejeição que se teve a essas heranças linguísticas, por vir de pessoas menos afortunadas, um dos motivos para que o estudo sobre elas fosse iniciado tardiamente, perdendo

fragmentos importantes dessas línguas. Há registros de 4 milhões de africanos entrando em novas terras, vindo de várias partes da África, trazendo consigo seus mais variados dialetos, tais como: *nagô*, *iorubá*, *quicongo*, *umbundo* e *quimbundo*. Com toda essa cultura entrando em terras brasileiras se tornava impossível a não miscigenação, o encontro dessas línguas teve vários impactos no português.

Como já citado neste trabalho, os negros que aqui chegaram eram destinados a alguns estados brasileiros, por exemplo, Pernambuco, Alagoas, Maranhão, Bahia e alguns estados do Sudeste, tais como o Rio de Janeiro. O que pode ser analisado é que uma grande parte desses estados ficam localizados no Nordeste do país, devido a demanda de trabalhadores para o plantio nas lavouras, como citado no texto de Puzzinato e Aguilera, (2006, p. 2):

> O jesuíta Antonil, citado por Queiroz (1987, p. 26), expressou essa importância, no início do século XVIII, referindo-se à economia do 3 açúcar: Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível conservar e aumentar fazendas, nem ter engenho corrente.

No estado do Ceará, a entrada das pessoas negras foi dada por meio de comercializações feitas em outros estados, porém, vale ressaltar que, atualmente, a Bahia é tida como uma grande concentração de negros descendentes de escravos, a cultura e a religião trazidas por esses povos, tiveram um pacto bem maior nessa parte do país, dado ao grande número de escravos e alforriados que lá habitou, já em outros estados do Brasil, essa característica foi marcada por meio de jargões que resistiram ao tempo.

Uma caracterização das línguas de origem africana é o fato de serem empregadas por habitantes de regiões mais pobres, como pessoas do interior, reflexo dos negros que ao fugirem ou serem

libertos formavam suas comunidades em vilas afastadas das cidades, os chamados *Quilombos*[8].

Essas pessoas com toda sua história, viviam reclusas das grandes cidades, e por viverem afastados, puderam voltar às práticas de suas religiões, culinárias e o dialeto já modificado, não se pode deixar de lado que, esses povos, desde o início, sofreram com a rejeição, a língua com a qual agora se comunicavam, muitas vezes, era comparada a língua dos seus ex-senhores, o que lhes rendiam alcunhas de pobres e sem conhecimento, pela forma de falar ser considerado "errada".

Durante os estudos de Ferreira (2021), o autor cita como foi dado a entrada desses povos em terras cearenses, o que pode ser observado, é que os negros africanos entraram por meio das vendas em outros estados como Pernambuco ou até mesmo Bahia. A língua que se vulgarizou no Ceará foi a dos congo-angolanos, como citado na seguinte parte:

> Dos quatrocentos grupos étnicos africanismo que falam línguas banta, como já foi acima citado, os que se destacaram no Ceará, foram os congo-angolanos. Estes deixaram suas marcas na cultura e no vocabulário cearense. (Ferreira, 2021, p. 230)

Após mais de um século desde da abolição dos escravos no Brasil, algumas características das línguas africanas, mesmo modificadas, ainda resistiram, sendo faladas por comunidades quilombolas. As palavras do léxico de origem africana fazem parte do dia a dia dos brasileiros, diga-se de partida, que esse dialeto

[8] A palavra *Quilombo* é usada para descrever locais nos quais as pessoas negras fugitivas e alforriadas se isolaram para manter-se longe dos seus antigos senhores, eram locais onde se tinha a junção de vários grupos étnicos. Para algumas pessoas daquela época, os quilombos eram locais de práticas que eram condenadas pela sociedade, além de ter uma grande vulnerabilidade social, já que eram formadas por ex-escravos ou escravos fugitivos. Vários estudiosos tentaram descrever da melhor forma possível o que seria os quilombos e de suas variações de significados, além de tentarem explicar o grande preconceito que se tinha pela existência desses locais (Cf. Leite, 2000).

sobrevive em grupos sociais de pessoas com poucas condições, no interior de cidades, pode ser encontrado com mais força.

Certos vocabulários das línguas dos povos originários que aqui estavam também sobreviveram apresentam marcas no português brasileiro, tais como: *capim, cupim, mingau, guri, caatinga, curumim, cunhã, moqueca*, na Flora se tem: *abacaxi, buriti, carnaúba, mandacaru, mandioca, sapé*. Nomes de árvores: *pitanga, maracujá, jabuticaba, caju*, entre outras, citadas no livro de título *História da língua portuguesa*, evidenciadas por Teyssier (2014, p. 71).

Algumas outras palavras que ainda existem e são derivadas dos povos africanos pertencentes a um determinado grupo de divindades, por exemplo, que se refere às religiões de matriz africana, como citado por Ismael Coutinho em *Pontos de gramática histórica* (1976). Eis alguns exemplos: *Exu, Iemanjá, Ogum, Olorum, Oxum, Orixá, Xangô, Alufá,* entre outras. São palavras predominantemente da religião deixada por esses povos.

Há uma série de palavras que merecem um certo destaque, algumas dessas palavras entraram no léxico do português com alguns significados diferentes. No *Novíssimo Aulete. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete (2011), temos a palavra *cachimbo*, cujo significado é, basicamente, "Utensílio us. para fumar, com uma cavidade onde fica o fumo (denominada fornilho), um tubo, e uma boquilha pela qual se aspira a fumaça" [9]. Já no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascente (1955, p. 85):

> **Cachimbo** - Do bundo *quixima,* poço, buraco, coisa oca, tendo o mesmo significado de Cacimba - Em Portugal tem a significação de chuva miúda e nesta acepção, deve ser diferente do mesmo vocábulo com- a significação de poço, a qual aparece na África Ocidental, onde se originou (quimbundo quixima, v. cachimbo), na Ocidental e no Brasil.

[9] AULETE, Caldas. Verbete *Cachimbo*. Disponível em: https://www.aulete.com.br/cachimbo#:~:text=s.%20m.%20%7C%7C%20aparelho%20para%20fumar,onde%20se%20aspira%20o%20fumo. Acesso em: 07 jun. 2024.

Outras palavras que tiveram seus significados alterados ao entrar no português brasileiro, ex.: *bule, -* no *Dicionário Kimbundu-Português* (Assis Junior, s.d) – "adj. quebrado | partido v. kibula". Já de acordo o Aulete (2011), temos a seguinte definição: "Recipiente bojudo ou em forma levemente cônica, de materiais diversos (louça, metal, cerâmica etc.) com asa, tampa e bico, no qual se preparam e/ou se levam à mesa, para servir, bebidas como café, chá, chocolate etc."[10].

Outras palavras sobrevivem atualmente com o mesmo significado que antes, por exemplo: *putrefacto, fálofa, familha.* Já outras merecem atenção, tais como as citadas no estudo "Conheça dez palavras de origem africana usadas no cotidiano brasileiro", destacadas em Almas Pretas[11] (2023):

> **Caçamba -** A palavra "Kisambu", conhecida no Brasil como caçamba, tem origem na língua Quimbundo, que é originária da região Banta e dos atuais países Angola e República Democrática do Congo, na África Central, e quer dizer uma "cesta" ou um "cesto grande". Contudo, o significado é um pouco diferente hoje no país.

Esse significado foi se modificando ao passar dos tempos, até tornar-se e ser conhecido por; local onde se descarta lixo, porém em alguns lugares do Nordeste o significado da palavra permanece o mesmo, mas com algumas modificações, sendo ele referente a um grande objeto de metal com profundidade usado não só no descarte de materiais recicláveis como objeto de transporte de outros materiais.

> **Dengo** - O termo tem origem banta e da língua Quicongo e, em sua definição, refere-se a um pedido de aconchego, um ato de afeto com aquele que gosta, assim como é utilizado no português.

---

[10] AULETE, Caldas. Verbete *Bule*. Disponível em: https://www.aulete.com.br/bule. Acesso em: 10 jun. 2024.

[11] ALMA PRETA. **Conheça dez palavras de origem africana usadas no cotidiano brasileiro**. Publicado em 28 de novembro de 2023. Disponível em: https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/dez-palavras-de-origem-africana-usadas-no-cotidiano-brasileiro/. Acesso em: 10 nov. 2023.

Essa palavra em algumas regiões do Ceará é usada para se referir a alguém que deseja chamar atenção, "você está muito dengoso" sempre acompanhado de expressões de desaprovação. Nos dois casos, citados anteriormente, pode-se observar que o significado de alguns vocábulos foi modificado, mas sem perder sua essência, já outros não receberam tanta modificação, porém se tornaram palavras com a finalidade de crítica, em alguns casos, ou chamar atenção para um determinado comportamento.

Banguela - Benguela é uma província de Angola que abriga uma variedade de grupos étnicos e tribos devido à diversidade cultural do país. No local, existia uma comunidade que tinha o costume de raspar ou arrancar os dentes superiores e então surgiu possivelmente esse termo.

Atualmente o significado da palavra banguela não teve alterações, continuando-se a tratar de um indivíduo que não possui dentes, esse significado seguiu até os dias atuais.

Fubá - O termo herdado dos povos africanos é de origem da língua banta Quimbundo e, no português, ela é traduzida como "farinha", seja ela de milho ou arroz moído. Atualmente vários pratos são feitos com a iguaria.

Fubá palavra derivada do quimbundo que quer dizer farinha, seu significado não teve alterações é está presente na culinária em vários pratos típicos. As pessoas mais humildes utilizavam o fubá ou a farinha de milho como prato principal que acompanhava o feijão ou tomava junto ao café, a produção da farinha era realizada pelas mãos dos mais velhos.

Quitute - Com influência angolana, essa palavra vem da língua Quimbundo e originalmente é escrita e falada como "Kitutu". O significado pode variar e um deles é uma pequena porção de comida antes da refeição e o outro é relacionado à indigestão.

Atualmente a palavra quitute não teve alteração do significado, além da troca de alguns fonemas em sua estrutura, a algo interessante sobre esse vocábulo, no interior do nordeste, a palavra

em si é atribuída a uma comida vendida em latas que se assemelha a mortadela, "Kitut", porém todos se referem por "kitute".

Moleque - Esse termo usado no Brasil é originário do dialeto Quimbundo e da palavra "Mu'leke", que significa "filho pequeno" ou "garoto" e é um modo de se chamar os filhos ou alguém de infantil.

Moleque em algumas ocasiões é usado no sentido de ofender a alguém no qual se refere, além de sofrer alterações morfológicas a palavra em si é tida como errada ao ser pronunciada como "Muleque" dentro da gramática do próprio português.

Muvuca - "Mvúka" é uma palavra de origem banta e da língua Quicongo, que significa aglomeração de pessoas que fazem muito barulho.

O vocábulo sofreu com alteração em sua pronúncia, porém não perdeu seu significado original, algumas palavras ao decorrer dos séculos, sofreram com alterações na forma pela qual se é pronunciada, e na estrutura de sua escrita, exemplo:

Cochilar - Na sua raiz africana, a palavra é "Koxila", que se traduz como dormir de maneira leve e tranquila por pouco tempo. Entre as suas origens, estão possivelmente as línguas Quicongo ou Quimbundo.

Pode-se dizer que essa palavra seria pertencente a um grupo de pessoas mais pobres, para a mesma finalidade, apresentando alterações no seu fonema, sendo pronunciado por muitos do interior por "cuchilar".

Ranzinza - O termo é utilizado para se referir a uma pessoa mal-humorada que resmunga muito, porém, em sua origem do Quicongo, a palavra "Nzizi" significa "mosca caseira". Pode-se fazer a relação com algo irritadiço, que incomoda, assim como um indivíduo ranzinza.

Mas uma palavra que não teve perda de significado na atualidade. Outras palavras que não teve perda em seu significado e estão presentes na culinária, como: *mugunzá, acarajé, angu* e *canjica* derivações como *pé-de-moleque, azeite-de-dendê*. Todas

essas palavras são derivadas da língua banta. Algumas palavras que estão presentes em nosso dia a dia, ou que se ouvia muito os mais velhos falarem sendo elas; *Aluá,* seria uma bebida feita de milho, arroz cozido ou com casca de abacaxi, para os mais velhos essa bebida era servida em momentos festivos, como nas renovações realizada todo fim de ano para comemorar o ano vindouro e agradecer o ano passado, festas comum de interior, seu significado permanece o mesmo, porém esquecido pelas pessoas mais jovens.

Macumba, sua tradução significa instrumento de percussão de origem africana, porém esse significado foi totalmente esquecido, atualmente, *Macumba* é usada para se referir a cultos de origem afrodescendentes de uma forma pejorativa, devido ao pouco conhecimento que se tem sobre a palavra.

Algumas divindades cultuadas por afrodescendentes através de sua religião, também foram popularizadas pelos seus nomes, alguns deles são; *ogum, omolu, ori, orixás, oxalá, oxóssi, oxum, oxumaré.* Nomes esses que sofrem grandes repreensões, são eles demonizados por pessoas que estão fora do ciclo social onde eles são usados.

A língua portuguesa que conhecemos sofreu grande interferência das línguas bantas, por estarem em maior número. A língua africana ainda sobrevive no léxico do português brasileiro, deixando claro a passagem desses povos durante a colonização, não devem ser esquecidos, por sua história e resistência.

É irrefutável a importância que os negros-escravos tiveram uma grande influência na estrutura lexical do português, como visto ao longo de todo este trabalho de pesquisa. Porém, não podemos deixar de fora o estigma que essa língua teve em quinhentos anos de colonização, sendo ignorada e deixada de lado por trata-se de uma linguagem falada por um povo que não 6 tiveram tantas oportunidades, esse preconceito se estendeu por longos séculos até alcançar a atualidade, como citado por Ledo e Silva (2021, p. 3):

> O que muitas pessoas não sabem é que o português falado no Brasil traz inúmeras palavras de origem africana. Em razão da escravidão dos negros traficados da África para o Brasil que perdurou até o período imperial, houve uma importante contribuição do continente na formação do que podemos chamar hoje de português brasileiro. Muitas palavras existentes em nosso dicionário são usadas em comum sentido tanto aqui como em Angola, um exemplo que marca a forte ligação linguística.

Por séculos a importância dada para essa herança linguística foi negada por muitos estudiosos, o que levou a perda quase que total de alguns registros importantes da história desses povos, bem como, as proibições que foram atribuídas aos negros escravos, mesmo depois da abolição, em maio de 1888. Para a elite daquela época, os negros tinham uma linguaja errada e não mereciam fazer parte do convívio das pessoas mais nobres, como citado no texto de Marinho e Lucena (2018, p. 133):

> Existia a completa ausência de interesse da elite intelectual brasileira, até meados do século XIX, em retratar a cultura, os interesses, as dores e o abandono provocados pela escravidão. Diversos foram os meios utilizados, no Brasil, para excluir os negros do convívio social. Eles iam desde a proibição legal de suas práticas culturais, a restrição do convívio nos passeios públicos, nos espaços de lazer, até a sua omissão na representação em obras de arte.

O reflexo desse estigma está presente nos números da atualidade, o Brasil de acordo com alguns dados é o segundo país com maior número de pessoas de origem africanas, perdendo apenas para a Nigéria (Bagno, 2016). Em dados atualizados pelo IBGE, o número de pessoas que se auto se identificam como negras ou pardas aumentaram bastante nos últimos anos, correspondendo a 9,1% e 47% respectivamente, a maioria dessas pessoas estão na linha da extrema pobre, um reflexo do descaso enfrentado durante toda a história do Brasil (Altino, 2022).

O que diz respeito a herança linguística deixada por esses povos, os estudos que se tem sobre, são bastante recentes. Depois de séculos de negação por parte da elite que aqui vivia, observaram que havia uma importância nas línguas africanas, e

que sua contribuição foi significativa para o português que utilizamos atualmente, levantando a questão de investigar mais sobre o passado do Brasil e desses povos que aqui chegaram.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi sugerir uma reflexão com base em estudos já realizados na área, de como as línguas trazidas por povos de várias partes da África, ao entrarem em terras brasileiras, tiveram uma grande contribuição no léxico do português que é usado atualmente.

Essa modificação pode ser dada através do contato que a língua teve com os vários povos que estiveram em contato com o português de Portugal que aqui estava durante todo período de colonização.

Houve um período durante a história que essas alterações feitas por esses povos vindos de continentes africanos, foi completamente ignorada, por esse motivo muitos dos materiais se perderam ao decorrer dos séculos e o pouco que se conseguiu resgatar trouxeram alguns relatos vagos sobre o ocorrido, deixando muitas perguntas sem respostas.

Foram aqui discutidos a origem desses povos e de como foi sua chegada em terras brasileiras, precisamente em algumas regiões do Nordeste do país, de como seu idioma, sua cultura e religião misturaram-se ao português de Portugal e de como algumas palavras sobreviveram até os dias atuais, como essa alteração foi vista pela Elite daquela época e como sobrevivem séculos depois.

Contudo, não se pode esquecer do grande problema enfrentado por essas modificações, sendo o motivo de descaso sobre essa herança linguística, por mais que tenha sua participação no português, por séculos foi negligenciada, por se tratar de uma linguagem que só pessoas pobres ou de tom de pele diferente, daqueles que aqui estavam, utilizavam. Sucedeu até os dias atuais, de forma sutil e não tanto expressiva, esse preconceito

enraizado no subconsciente de forma que se é passada de geração em geração, inconscientemente.

O propósito desta pesquisa consistiu em provocar uma reflexão embasada em estudos pré-existentes acerca do processo de introdução de línguas de origem africana no território brasileiro. É notório afirmar que, ao adentrarem o solo brasileiro, tais grupos étnico-linguísticos não apenas influenciaram significativamente o léxico da língua portuguesa, mas também foram capazes de enriquecer a cultura.

A maneira pela qual esses povos entram no continente americano foi dada através da violência. Eles foram forçados a coexistir com o desconhecido, sendo obrigados a adotar novos modos de vida, distintos daqueles aos quais estavam habituados. A resistência a esses regimes resultava em severas punições, muitas vezes culminando na morte de muitos homens e mulheres, dada a falta de alternativas para escapar dessa nova realidade, em terras estranhas, essas pessoas foram obrigadas a aprender novos idiomas e novas formas de se expressar. Assim, foi gradualmente emergindo o português tal como o conhecemos hoje, muitos dos costumes que se conhecem atualmente vieram da hostilidade que foi a vinda das pessoas negras para o Brasil colonial.

Durante um período da história as contribuições desses povos oriundos da África foram inteiramente negligenciadas, resultando na perda de grande parte dos registros ao longo dos séculos. O que conseguiu ser resgatado consiste em relatos fragmentários e vagos, deixando numerosas questões sem resposta. Dificultando ter conhecimento desses homens e mulheres, que saíram de suas terras para serem forçados a trabalhos árduos.

Esse descaso é evidenciado tanto no passado quanto séculos depois, quando esses povos foram considerados como uma classe inferior, apesar de desempenharem um papel crucial na formação do português brasileiro, conforme mencionado anteriormente. Não apenas sua língua contribuiu para a evolução do português

dos colonizadores, mas também seus costumes e religião foram de suma importância.

Foi discutido durante a pesquisa a origem desses povos e como ocorreu sua chegada às terras brasileiras, como foi dada a entrada desses povos, em sua grande maioria chegando pela região nordeste do país. Como sua língua, cultura e religião se mesclaram ao português de Portugal, e como certas palavras sobreviveram até os dias atuais. Também consideramos como essa transformação foi percebida pela elite da época e como perdura ao longo dos séculos.

No entanto, foi possível constatar que esses povos desempenharam um papel significativo na evolução do português brasileiro, como detalhado anteriormente ao longo deste estudo. Algumas palavras que foram influenciadas por esses grupos conseguiram resistir à passagem do tempo e permanecem em uso até os dias atuais. Tantos indivíduos de todas as camadas sociais as incorporam em seu cotidiano, indicando que o preconceito anteriormente associado à modificação do português dos colonizadores ainda permanece, embora de maneira menos evidente no que se refere à forma de falar de algumas pessoas hoje em dia.

Como mencionado ao longo deste trabalho, essas pessoas foram arrancadas de suas terras por mercadores que as viam apenas como mão de obra para seus plantios, tratando-as como mercadorias desprovidas de valor humano. Usurpando suas identidades, suas vidas e tudo o que conheciam, esses povos foram forçados a embarcar em viagens exaustivas em navios extremamente confinados. Durante esse sofrimento, suas línguas, religiões e culinária gradualmente iam ficando para trás, a falta de casa os levaram a praticar esses costumes em um território estrangeiro. Apesar de escassos, esses elementos culturais e linguísticos serviram como lembranças de casa, mesclando-se ao longo dos anos com as tradições já estabelecidas aqui, moldando o português e a cultura que conhecemos hoje.

A chegada desses povos ao continente americano foi de importância crucial, um capítulo que não pode ser apagado da história, dada sua significativa contribuição para o português brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMA PRETA. **Conheça dez palavras de origem africana usadas no cotidiano brasileiro**. Publicado em 28 de novembro de 2023. Disponível em: https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/dez-palavras-de-origem-africana-usadas-no-cotidiano-brasileiro/. Acesso em: 10 nov. 2023.

ALTINO, Lucas. **IBGE:** População autodeclarada preta cresce 32,4% no Brasil, em 10 anos. O Globo, 2022. Disponível em: http://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/07/ibge-populacao-autodeclarada-preta-cresce-324percent-no-brasil-em-10-anos.ghtml Acesso em 17 out. 2023.

ÂNGELO, Maria José, SILVA, Anderson Sales**.** Africanismos na constituição do português brasileiro: um estudo sociolinguístico. In: **Anais das Jornadas Interdisciplinares em História e Letras.** Universidade Regional do Rio Grande do Norte, 2017. Disponível em: https://www.uece.br/eventos/jihlfeclesc/anais/trabalhos_completos/363-48967-14112017-152135.pdf. Acesso em: 08 nov. 2023.

ASSIS JUNIOR, A de. **Dicionário Kimbundu-português**: linguística, botânico, histórico e corográfico. Indetidáfrica, [s.d]. Disponível em: https://rmirandas.wixsite.com/identidafrica/dicionariokimbunduportugues. Acesso em: 26 nov. 2023.

AULETE, Caldas. Verbete *Cachimbo*. Disponível em: https://www.aulete.com.br/cachimbo#:~:text=s.%20m.%20%7C%7C%20aparelh

o%20para%20fumar,onde%20se%20aspira%20o%20fumo. Acesso em: 07 jun. 2024.

AULETE, Caldas. Verbete *Bule*. Disponível em: https://www.aulete.com.br/bule. Acesso em: 10 jun. 2024.

BAGNO, Marcos. O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro. **Cadernos de literatura em tradução**, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.i16p19-32 Acesso em: 17 out. 2023

CARDEIRA, Esperança. **Gramática histórica do português europeu.** São Paulo: Parábola, 2021. Recurso digital.

COUTINHO. Ismael de Lima. **Pontos de Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.

COUTO. Hildo Honório. Hipótese da relexificação na gênese dos crioulos e pidgins. **Revista da Abralin**, 2002. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/734/670. Acesso em 13, nov 2023.

DIETRICH, Wolf. O troco tupi é as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipologias. Português do tupi no Brasil. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. (org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p. 9-25.

JESUS. Dagmar S. ABBADE; Cecilia Márcia de S. **Africanismo na construção identitária dos excluídos em tocaia grande**. Salvador Bahia: XI congresso internacional de ABECAN: 20 anos de interfaces brasileiras-canadá, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2006.

FERREIRA, Hilário. A identidade negra e africana do cearense. **Revista Historiar**, [S. l.], v. 13, n. 24, p. 224–238, 2021. Disponível em: https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/400 . Acesso em: 05 out. 2023.

FIORIN, José Luiz; PETTER. Margarida. **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008.

GUERREIRO, Márcia B. Neisnek. **Influências indígenas e africanos no léxico do português do Brasil**. Orientadora: Ana Maria Martinho Gale. 2015. 71 f. Dissertação (Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/18278/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_de_Mestrado_M%C3%A1rcia_Guerreiro.pdf. Acesso em: 27 mai. 2024.

IBGE. **Brasil**: 500 anos de povoamento: território brasileiro e povoamento. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros . Acesso em: 05 out. 2023.

LEDO, Marco Túlio Santos; SILVA, Jorge Augusto Alves da. Falares africanos no léxico do português brasileiro: estratégias de ensino para o desenvolvimento da competência comunicativa e lexical. **CIFEFIL**, 2021. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxiv_CNLF/completos/falares_MARCO.pdf. Acesso em: 02 fev. 2023.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos brasileiros: questões conceitos e normativas. **Revista do centro em rede de investigação em antropologia**, Open edition journals, vol.4 (2), p. 333-354, ano 2000. Disponível em: https://doi.org/10.4000/etnografica.2769. Acesso em: 11 jun. 2024.

LÓPEZ, L. Álvarez. Como avançar no estudo do léxico de origem africana na América Latina?. **Revista da Abralin**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2012. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1123. Acesso em: 05 mai. 2024.

MARINHO, Nilene Matos Trigueiro; LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A força do estigma da escravidão no Brasil oitocentista. **Identidade,** 2018. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/Identidade/article/download/746/659/659 . Acesso em: 17 out. 2023.

MINGAS, A. A. **Português em Angola- Reflexão**. VII encontro das universidades de língua portuguesas, Macau:1998.

MULTIRIO. **O Tráfico Negreiro**. Ocupação Litorânea. Empresa Municipal de Multimeios Ltda. MultiRio, Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/traf_negreiro.html#:~:text=Os%20negros%20trazidos%20para%20o,e%20no%20Rio%20de%20Janeiro. Acesso em: 02 out. 2023.

MULTIRIO. **Ação dos jesuítas**: catequese e aldeamentos. Empresa Municipal de Multimeios Ltda. MultiRio, Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/americaportuguesa/8736-a%C3%A7%C3%A3o-dos-jesu%C3%ADtas-catequese-e-aldeamentos. Acesso em: 28 set. 2023.

NASCENTE, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Línguas africanas no Brasil. **Gragoatá,** v. 10, n. 19, p. 193-217, 2005. Disponível em: https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33263. Acesso em: 07 out 2023.

PUZZINATO. Ana Paula; AGUILERA Vanderci de Andrade. **A presença de africanismos na língua portuguesa do Brasil.** Uel, 2006. Disponível em https://www.uel.br/revistas/afroatitudeanas/volume-1-2006/Ana%20Paula%20Puzzinato.pdf Acesso em 13, nov 2023.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em: https://static.scielo.org/scielobooks/mmtct/pdf/rodrigues-9788579820106.pdf. Acesso em: 17 out. 2023.

SOUZA, Adílio. Junior. A presença de elementos lexicais de línguas africanas no vocabulário nordestino. **Rev. e-ciência,** v. 5, n. 1, p 5-12, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320439101_A_PRESENCA_DE_ELEMENTOS_LEXICAIS_DE_LINGUAS_AFRICANAS_NO_VOCABULARIO_NORDESTINO. Acesso em: 02 out. 2023.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 4.ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ITAN: ENTRE O MITO E A LENDA

Daniela Barreto de Souza
Adílio Junior de Souza

1 INTRODUÇÃO[1]

O *Candomblé* através dos *Orixás* é um dos mais antigos cultos religiosos da humanidade. Desse culto originaram-se narrativas de inestimável valor literário, artístico e religioso, o *Itan*, que merece ser conhecido, respeitado e prestigiado mesmo por quem não é adepto da religião.

Um dos motivos do desconhecimento do *Itan* é o fato dele estar ligado a uma religião originada na África, disseminada pelos negros que foram escravizados. Parte da população brasileira ainda é preconceituosa e sem conhecimento sobre a cultura africana, fazendo-se necessárias pesquisas e estudos para se familiarizar com o conteúdo, pois o mesmo se tornou obrigatório no ensino da História e Cultura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino básico, de acordo com a Lei 10.639, que entrou em vigor no ano de 2003.

O *Itan* é o conjunto de mitos e lendas do *panteão africano*. Pode-se constatar que a palavra *Itan*, com exceção dos participantes do Candomblé, é desconhecida, mesmo sendo um país onde a influência africana faz parte de seu processo de construção de uma identidade cultural.

A principal meta deste artigo é refletir criticamente sobre a noção do que seja um *Itan*, tendo em vista a compreensão não

[1] A primeira versão deste estudo foi originalmente publicado com os seguintes dados: SOUZA, Daniela Barreto de; SOUZA, Adílio Júnior de. Itan: entre o mito e a lenda. **Revista Letras Escreve**. Macapá, v. 8, n. 3, 2.º sem., 2018. Esta versão foi ligeiramente modificada, corrigida e atualizada.

apenas do termo em si, mas também no que diz respeito ao que ele representa para o Candomblé enquanto elemento representativo de uma cultura oral.

Tratando-se, portanto, de analisar a origem do *Itan*, partindo da premissa de ser este um elemento da oralidade. Além disso, o estudo ainda se propõe a refletir sobre os Orixás do Candomblé, bem como distinguir a noção de mito e lenda.

Neste artigo, defende-se a importância da literatura africana dos orixás, seu valor enquanto patrimônio cultural e religioso do Brasil. Ressalta-se também que aceitação ao diferente, a outras religiões ou crenças é muito mais que uma mera atitude, deve ser, antes de qualquer coisa, um ato de respeito desprovido de qualquer tipo de preconceito.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O instrumental teórico-metodológico utilizado nesse trabalho foi a pesquisa exploratória na qual se fez um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que têm experiências práticas com o *Itan*. Através dessas entrevistas foram analisados os exemplos que estimularam a compreensão de que o *Itan* é repassado através da oralidade, sendo uma forma básica de atividade linguística.

As entrevistas foram feitas no *Ilê Omo Osún* (Casa de Oxum) com o intuito de que o ambiente destinado aos orixás se torne mais inspirador para os colaboradores, pois se trata de narrar o sagrado. Referenciando o *Itan* recitado no tempo de Candomblé *Ilê Omo Osún* conhecido como Casa de Oxum, localizado no Distrito Barra, do município de Aiuaba, no Estado do Ceará. É um terreiro fundado em 8 de dezembro de 2007, pelo Babalorixá André Henrique Freitas (André de Oxum), trinta pessoas fazem parte da casa que desenvolvem atividades religiosas.

Ao longo de sua história, contribui de modo significativo para preservar e difundir a cultura africana na região. Comprometida na luta contra o preconceito e a intolerância

religiosa, realiza ações que visam a valorizar o legado cultural afro-brasileiro e garantir o direito de cada cidadão em professar livremente sua fé.

Não foram feitas perguntas destinadas à opinião ou a outras questões dos colaboradores, permitindo que eles tivessem mais liberdade para relatar o *Itan* de sua preferência. Os colaboradores pertencem ao *Ilê Omo Osún*, levando-se em conta o tempo que se tem de iniciação no Candomblé e consequentemente a experiência que eles têm em narrar o *Itan.*

O registro dos depoimentos dos narradores foi através da escrita, onde não se levou em conta exatamente as falas originais dos informantes, com seus aspectos fonéticos e morfossintáticos distintos, mas apenas aproximações dos seus modos originais de fala, no intuito de facilitar a leitura. Para a segurança dos colaboradores, optou-se por atribuir-lhes nomes fictícios, tais como: *José*, *Maria*, *Pedro* e uma atribuição da divindade narrada, etc.

A análise do *Itan* dos colaboradores destaca a importância e o valor da tradição oral (por serem narradas) e da tradição escrita (por desta forma serem registradas neste artigo).

A partir da análise interpretativa dos aspectos tipológicos de gênero textual que o *Itan* representa (a narrativa), sendo apresentada de forma mais ampla, pois podem ser analisadas a partir das situações sociais em que são usados. Evidencia-se que o *Itan* possui diferentes maneiras de organizar as informações linguísticas sendo que por muitas vezes confundem se eles são classificados como mitos ou como lendas do *panteão africano*.

A relevância social trazida pelo *Itan está* no arquétipo de cada orixá, que traduzem condutas sociais orientados para a preservação ambiental, a explicação ou histórias que fundamentam a origem da Terra, dos elementos da natureza e respeito às diversidades e o requerimento de justiça.

As lendas e mitos constituem como relevância social uma ferramenta fundamental para conhecer e investigar as distintas culturas, que nos permite conhecer saberes coletivos ancestrais

que representam a diversidade dos povos que dão origem a cada uma delas.

3. A TRADIÇÃO ORAL E ESCRITA

O ser humano iniciou a transmissão do conhecimento através da tradição oral na qual aprender e repassar o conhecimento através da oralidade faz parte de um processo de aprendizagem onde as pessoas daquelas sociedades são submetidas. Marcuschi aponta que, a oralidade como prática social se desenvolve naturalmente em contextos informais do dia-a-dia (Marcuschi, 2007).

A oralidade dá origem à literatura de tradição oral, pois é através dela que o homem armazena e transmite o conhecimento, fazendo uso da memória e da fala. Segundo Vansina (2016) toda e qualquer sociedade oral aceita que a fala é muito mais que a mera comunicação, é também o meio pelo qual se pode preservar toda a sapiência de antigos ancestrais daquele povo, ou seja, é através da oralidade que se conserva uma determinada tradição. Esta tradição oral pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra.

A tradição oral faz o uso da memória auditiva e visual que no princípio das civilizações eram os únicos recursos de que dispunham as culturas orais para o armazenamento e a transmissão do conhecimento às futuras gerações foi assim que as civilizações africanas puderam repassar até hoje sua influência na estrutura do pensamento e da cultura de sociedades letradas.

É notório que através do discurso narrativo em uma sociedade oral, muitas obras literárias provêm desse ato de narrar histórias independentemente do gênero em que ela esteja inserida, a oralidade é como uma base para a literatura, pois antes de ser escrita ela deve ser pensada e muitas vezes narrada.

> Toda literatura oral tem sua própria divisão em gêneros literários. O historiador não só tentará apreender o significado desses gêneros para a cultura que está estudando, mas também colherá ao menos uma amostra

> representativa de cada um, pois em todos eles podem-se esperar encontrar informações históricas, além do que, as tradições que o interessam particularmente são mais fáceis de se compreender quando analisadas no contexto geral. Já a própria classificação interna fornece indicações valiosas. Assim, podemos descobrir se os transmissores de uma obra literária fazem distinção, por exemplo, entre as narrativas históricas e as de outros tipos. Os gêneros literários também estão sujeitos a convenções literárias, cujo conhecimento é fundamental para se compreender o verdadeiro sentido da obra (Vansina, 2016. [s/p]).

A tradição oral e a escrita possuem grande relação, porém as duas se divergem nos seguintes aspectos. Um documento escrito é um objeto: um manuscrito. Mas um documento oral pode ser definido de diversas maneiras, pois um indivíduo pode interromper seu testemunho, corrigir-se, recomeçar, etc. (Vansina, 2016).

A tradição escrita surgiu ao longo das práticas comunicativas, esta e a tradição oral são duas maneiras de textualizar e produzir discursos. Primeiro surgiu a oralidade e logo depois se sentiu a necessidade de registrar aquilo que era dito, a escrita de certo modo depende da oralidade e ao mesmo tempo a preserva através do registro dos discursos com originalidade. O fato de a escrita registrar-se como documento presume que sua permanência seja concretizada com mais eficácia em relação à oralidade.

Procurando definir a relação entre escrita e oralidade, Marcuschi (2007, p. 36), afirma que:

> Há autores que consideram a tradição da escrita como veículo por excelência da cultura, do pensamento e do raciocínio abstrato, ao passo que a tradição oral seria mais concreta e apta para o saber intuitivo e prático ou para a transmissão da experiência cotidiana.

No entanto, não se pode apontar a escrita como apenas uma transcrição da fala levando em consideração que não se escreve como se fala. A escrita possui regras, mas ao mesmo tempo representa a oralidade que é mais presente no nosso dia-a-dia. A contestação entre ambas está no processo da produção textual

perante as modalidades de uso da língua, pois é no uso que a língua se concretiza, tanto na fala, quanto na escrita.

4. O CANDOMBLÉ ATRAVÉS DOS ORIXÁS COMO PRECURSOR DO ITAN

A palavra *Itan* é uma palavra de modo invariável mesmo quando for referida no plural. O *Itan* é o conjunto de mitos e lendas do *panteão africano* que narra as histórias envolvendo canções, danças, rituais e ensinamentos. Para os *Yorubás* é considerado como verdade absoluta sobre a criação do mundo, possuindo grande respeito por ter sido repassado oralmente como ensinamentos através dos mais velhos.

Este assunto tem sido profundamente discutido por inúmeros autores, entre os quais vale ressaltar: Araújo (1993), Arinos (1993), Barbosa Jr. (2011), Eliade (1972), Fontes (2013), Póvoas (2004), Vansina (2016) e Verger (1997), entre muitos outros. Nestes e noutros estudos, o mito e a lendo são discutidos a partir de variados enfoques teóricos.

O homem sempre buscou explicação para tudo na natureza, dando a certos fenômenos naturais um ar sobrenatural. No Candomblé a reverência aos elementos da natureza, corporificados nos orixás, constitui a essência da sua experiência religiosa, pois são representantes dos elementos: do fogo, da água, da terra e do ar.

O culto aos Orixás reverencia além da natureza outra riquíssima fonte de sabedoria e cultura: a família. O Candomblé é a religião do acolhimento, da vida em família, da ancestralidade que busca a união entre os planos sagrado e humano. De acordo com Verger (1997, p. 9), que assim esclarece:

> A religião dos orixás está ligada à noção de família. A família numerosa, originária de um mesmo antepassado, que engloba os vivos e os mortos. O orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado, que, em vida, estabelecera vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-

> lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização o poder, àsé do ancestral-orixá teria, após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada.

Nos rituais são feitos o uso de máscaras, esculturas, adornos diversos, pintura corporal, sacrifícios, entre outros. As danças realizadas nos rituais não são simples coreografias, é praticamente uma linguagem das mais eficazes para travar diálogos entre os deuses, os adeptos e a natureza. Essas divindades da natureza, por meio dos rituais ficam mais próximas de nós e através do *Itan*, nos educam e nos ensinam a conhecer nossas potencialidades e defeitos.

A oralidade é a maior especialidade do Candomblé, pois a transmissão do conhecimento e valores é repassada de forma oral dos mais velhos aos mais novos.

> Vale ressaltar que ITAN é uma palavra iorubá que significa história, qualquer história; um conto. De um modo mais específico, itan são histórias do sistema nagô de consultas às divindades. Na África, os itan compunham, e ainda compõem, o oráculo denominado de Ifá, que pode ser lido e interpretado através de um conjunto de dezesseis sinais, os odu. Esses sinais podem se combinar entre si, resultando em 256 outros sinais, que também se combinam entre si, perfazendo um total de mais de quatro mil sinais. Esses sinais são explicados através de várias histórias que compõem cada um deles. O sacerdote, o babalaô, sabe essas histórias de cor, pois o sistema era baseado apenas na comunicação oral (Póvoas, 2004, p. 25).

Cada orixá possui uma função social que é repassada através do Itan podendo ser divididas através dos quatro elementos da natureza no qual cada um responde: *fogo*, *terra*, *água* e *ar*.

4.1 Divindade do fogo

Exú está ligado a todas as energias do universo. É o mensageiro de todos os orixás, por isso deve ser o primeiro orixá a ser agradado antes de qualquer outro, ele é quem faz a ligação

entre o mundo dos orixás e o mundo humano. Também é chamado de *Elegbará*, o Senhor da Vida. É ligado ao sexo, fertilidade e aos prazeres. De acordo com Verger (1997, p. 39):

> Exu é um orixá de múltiplos e contraditórios aspectos, o que torna difícil defini-lo de maneira coerente. De caráter irascível, ele gosta de suscitar dissensões e disputas, de provocar acidentes e calamidades públicas e privadas. É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, a tal ponto que os primeiros missionários, assustados com essas características, compram-no ao diabo, dele fazendo o símbolo de tudo o que é maldade, perversidade, abjeção, ódio, em oposição à bondade, à pureza, à elevação e ao amor de Deus. Entretanto, exu possui o seu lado bom e, se ele é tratado com consideração, reage favoravelmente, mostrando-se serviçal e prestativo.

Exú é confundido com o Diabo, figura do Cristianismo, porém os dois não possuem nenhuma relação, até porque para os candomblecistas não existe o Diabo. E por ser uma divindade ligada ao transporte ele é um intermediário entre os outros orixás, também conhecido como o dono das encruzilhadas. Assim, acredita-se que Exú é: "Responsável pelo transporte das oferendas aos outros orixás e também pela comunicação com eles é, portanto, seu intermediário. Como reza antigo provérbio, 'Sem Exú não se faz nada" (Barbosa Jr., 2011, p. 33).

Exú é respeitado por todos, pois é ele quem leva as oferendas às demais divindades, então primeiramente ele é quem deve ser agradado.

Ogum é irmão de Exú e Xangô e filho de Yemanjá. A guerra, a agricultura e a tecnologia são seus domínios, pois ele é o grande orixá ferreiro que deu origem as ferramentas para poder cultivar a terra, assim como criou as armas para guerrear.

> Ogum é o deus do ferro, dos ferreiros e de todos aqueles que utilizam esse material: agricultores, caçadores, açougueiros, barbeiros, marceneiros, carpinteiros, escultores. Desde o início do século, os mecânicos, os condutores de automóveis ou de trens, os reparadores de velocípedes e de máquinas de costura vieram juntar-se ao grupo de seus fiéis (Verger, 1997, p. 45).

Ogum simboliza a capacidade de criação do homem, pois ele forjou todo instrumento que se tenha como matéria-prima o ferro. Assim, Ogum:

> É o orixá do sangue que sustenta o corpo, da espada, da forja e do ferro, é o padroeiro daqueles que manejam ferramentas. Patrono dos conhecimentos práticos e da tecnologia simboliza a ação criadora do homem sobre a natureza, a inovação, a abertura de caminhos em geral (Barbosa Jr., 2011, p. 35).

Xangô é o orixá que possui exacerbado senso de justiça. Também é considerado o Orixá do fogo, poderoso, autoritário e inspira respeito por onde passa. Extremamente sensual, ele teve três esposas: Iansã, Oxum e Obá. Xangô possui as seguintes qualidades:

> Xangô é viril e atrevido, violento e justiceiro; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitosos. Por esse motivo, a morte pelo raio é considerada infamante. Da mesma forma uma casa atingida pelo raio é uma casa marcada pela cólera de Xangô (Verger, 1997, p. 93).

Xangô representa a justiça através de seus dois machados, estes machados também reproduzem o som dos trovões. Suas decisões são sempre tomadas como certas ele é quem decide o que é o bem e o mal.

> Sendo senhor cortês e poderoso, demonstra temperamento voluntarioso e energético, irritando-se à menor contradição de suas ordens, sujeito a crises incontroláveis de ira. Consciente de sua abnegação possui elevado sentido de dignidade e cumprimento das obrigações assumidas, demonstrando sempre profundo senso de respeito e justiça (Araújo, 1993. p. 61).

O fogo foi e é muito importante para a evolução humana, por isso no Candomblé ele é objeto de culto, sendo um misto de bem e mal. Apesar de ser o elemento que queima e consome, também é símbolo de purificação.

4.2 Divindades da terra

Oxóssi é o orixá da caça e da fartura de alimentos, a nação Kêto o reverencia como rei, a ele é pedido que nunca haja necessidades ou fome. Desta maneira Verger (1997, p. 56) caracteriza Oxóssi:

> Oxóssi, o deus dos caçadores, teria sido o irmão caçula ou filho de Ogum. Sua importância deve-se a diversos fatores. O primeiro é de ordem material, pois, como Ogum, ele protege os caçadores, torna suas expedições eficazes, delas resultando caça abundante. O segundo é de ordem médica, pois os caçadores passam grande parte do seu tempo na floresta, estando em contato freuente com Ossain, divindade das folhas terapêuticas e litúrgicas, e aprendem com ele parte do seu saber. O terceiro é de ordem social, pois normalmente é um caçador que, durante suas expedições, descobre um lugar favorável à instalação de uma nova roça ou de um vilarejo. Torna-se assim o primeiro ocupante do lugar e senhor da terra (Oníle), com autoridade sobre os habitantes que aí venham a se instalar posteriormente. O quarto é de ordem administrativa e policial, pois antigamente os caçadores eram únicos a possuir armas no vilarejo, servindo também de guardas-noturnos.

Oxóssi tem o intuito de incentivar o equilíbrio ecológico, apesar se ser caçador, os ensinamentos que são aprendidos no *Itan* dele não incentiva a caça desequilibrada, tendo somente o objetivo de alimentação, também é ligado às vegetações. Dito de outra maneira, sobre Oxóssi se pode afirmar:

> Ligado à floresta, à árvore, aos antepassados, Oxóssi como caçador ensina o equilíbrio ecológico, e não o aspecto predatório da relação do homem com a natureza. Com ele, aprendemos a concentração, a determinação e a paciência necessária para a vida ao ar livre (Barbosa Jr., 2011, p. 37).

Oxóssi é pai de Logun Edé um orixá jovem, que herdou muito do pai na habilidade de caçar, mas assim como sua mãe Oxum também tem domínio sobre as águas doces de rios e cachoeiras.

> Esse deus tem por particularidade viver seis meses do ano sobre a terra, comendo caça, e os outros seis meses, sob as águas de um rio, comendo peixe. Ele seria também, alternadamente do sexo masculino, durante seis meses, e do sexo feminino durante os outros seis meses. (Verger, 1997, p.55).

Logun Edé tem traços infantis vive na companhia de sua amiga Ewá, os dois são orixás que não atingiram a fase adulta, permanecendo adolescentes, Logun é solidário gosta de ajudar, possui ar de mistério e encanto. Muitos entendem este orixá como:

> Príncipe dos orixás combina a astúcia dos caçadores com a paciência dos pescadores. Seus pontos de força, na natureza, compreendem barrancas, beira de rios, o vapor fino sobre as lagoas, que se espraia pela mata nos dias quentes. Vivencia plenamente os dois reinos, o das águas e o das matas (Barbosa Jr., 2011, p. 39).

Obaluayê carrega consigo todas as doenças desde que nasceu; ele mesmo é doente, porém não se pede a ele que traga saúde, pois o mesmo não a tem, o que se pede é que livrem a todos das doenças. Ele também é conhecido por outros nomes, os quais não são pronunciados com frequências por serem remetidos à doenças:

> Obalúayé ('Rei Dono da Terra') ou Omolu ('Filho do Senhor') são os nomes geralmente dados a Sànpònná, deus da varíola e das doenças contagiosas, cujo nome é perigoso ser pronunciado. Melhor definindo, ele é aquele que pune os malfeitores e insolentes enviando-lhes a varíola (Verger, 1997, p.80).

Esse orixá é muito respeitado, seu *Itan* conta que o rosto de Obaluayê era coberto de chagas repulsivas por esse motivo é coberto por palhas da costa. Desta maneira acredita-se que Obaluayê é: "o orixá responsável pelas passagens, de plano para plano, de dimensão para dimensão, da carne para o espírito, do espírito para a carne. Relaciona-se com a saúde e a doença possuindo estreita ligação com a morte" (Barbosa Jr., 2011, p.46).

Ossain é dono dos segredos da natureza, patrono da farmácia, dos sacerdotes, químicos que usam plantas para fins

curativos e, ou ritualísticos. A partir do poder de suas ervas são feitos remédios para curar as doenças.

> Ossain é a divindade das plantas medicinais e litúrgicas. A sua importância é fundamental, pois nenhuma cerimônia pode ser feita sem a sua presença, sendo ele o detentor do àsé (o poder), imprescindível até mesmo aos próprios deuses. O nome das plantas, a sua utilização e as palavras (ofo), cuja força desperta seus poderes, são os elementos mais secretos do ritual no culto aos deuses iorubás (Verger, 1997, p. 56).

As ervas são sagradas no culto aos orixás, delas são feitos os banhos sagrados do Candomblé e por isso sempre se reverencia Ossain, é a representação do homem com o verde da natureza é o senhor dos segredos medicinais, também atua com ágil protetor das matas.

Esses orixás que representam a terra simbolizam a fertilidade dos vegetais, espiritualmente falando é a firmeza para enfrentar a vida e continuar a caminhar.

4.3 Divindades das águas e da fertilidade

Yemanjá é o orixá mais popular no Brasil, conhecida como a rainha dos oceanos é a mãe de todos, muito reverenciada pelo extinto materno teve quatro filhos orixás (Exú, Ogum, Oxóssi e Xangô) sendo que ainda criou os filhos rejeitados de Nanã (Oxumaré e Omolu). Pode ser conhecida por vários outros nomes e também por ser a maior referência de maternidade no mundo dos orixás: "Iemanjá tem diversos nomes, como no caso de Oxum, aos diferentes lugares profundos (ibù) do rio. Ela é representada nas imagens com o aspecto de uma matrona, de seios volumosos, símbolo de maternidade fecunda e nutritiva" (Verger, 1997, p. 74).

Yemanjá representa os oceanos e a vida marinha de forma geral, assim como as ondas pode ser calma ou nervosa. É maternal e protetora, é conhecida por ser a mãe de todos.

Oxúm é o orixá que se atribui o útero e todo o sistema reprodutor feminino, é vaidosa, gosta de ouro e jóias. É a senhora *Iaodê,* dona das águas doces.

> Oxum é chamada de Ìyálóòde (Iaodê) título conferido à pessoa que ocupa o lugar mais importante entre todas as mulheres da cidade. Além disso, ela é a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre a água doce, sem a qual a vida na terra seria impossível (Verger, 1997, p. 67).

Oxum também é lembrada por representar o amor, a sensualidade e a beleza feminina, sua aparamenta preferida é o espelho, que usa pra se admirar. Desse modo, "Oxum é senhora dos regatos, e das fontes de água clara, deusa do dengo e da formosura, vaidosa e coquete. Seu ritmo chamado *Ijexá,* região da África banhada pelo rio Oxum, é lento, voluptuoso e sensual" (Araújo, 1993. p. 91).

Obá é guerreira e muito forte, não é feminina e é consciente de seu poder, enfrenta e derruba qualquer um que vier enfrentá-la.

> Obá, divindade do rio de mesmo nome, foi a terceira mulher de Xangô. Como as duas primeiras, Oiá e Oxum, ela foi também mulher de Ogum segundo uma lenda de Ifá: Obá era um orixá feminino muito enérgico e fisicamente mais forte que muitos orixás masculinos. Ela desafiara e vencera na luta, sucessivamente, Oxalá, Xangô e Orunmilá. Chegada à vez de Ogum, aconselhado por um babalaô, ele preparou uma oferenda de espigas de milho e quiabo. Amassado tudo num pilão, obtendo uma pasta escorregadia, que espalhou pelo chão, no lugar onde aconteceria a luta. Chegado o momento, Obá, que fora atraída até o lugar previsto, escorregou sobre a mistura, aproveitando-se Ogum para derrubá-la e possuí-la no ato (Verger, 1997, p. 71).

Yewá é o orixá do rio que na África corre paralelo ao rio Ògùn, é irmã gêmea de Oxumaré herdando de seu irmão as características e poderes de serpente. Yewá domina a vidência, sendo dona do mundo e dos horizontes é protetora das virgens e de tudo o que é inexplorável. É um orixá muito misterioso e seus

filhos são raros e de beleza exótica. Barbosa (2011, p.51) define Ewá como protetora das virgens e a relaciona com os seguintes elementos da natureza:

> Protetora das virgens, tem o poder de vidência, sendo senhora do céu estrelado. Além do arpão seu símbolo mais conhecido, pode também carregar um Ofá (arco e flecha) dourado, uma espingarda ou uma serpente de metal. Também simbolizada pelo raio de sol, pela neve e pelas palmeiras em formato de leque.

Oxumaré está diretamente ligado às riquezas e a fortuna, possui os dois sexos sendo hermafrodita e é manifestado através do arco-íris ligando o céu e a terra. Sendo relatado também da seguinte maneira:

> Oxumaré é a serpente-arco-íris; suas funções são múltiplas. Oxumaré é a mobilidade e a atividade. Uma de suas obrigações é a de dirigir as forças que produzem o movimento. Ele é o símbolo da continuidade e da permanência e, algumas vezes, é representado por uma serpente que se enrosca e morde a própria cauda. Enrola-se em volta da terra para impedi-la de se desagregar. Se perdesse as forças, isso seria o fim do mundo... Eis aí uma excelente razão para não se negligenciar as suas oferendas (Verger, 1997, p.78).

Oxumaré representa a riqueza não só material, mas também espiritual, ele estanca a chuva, é ligado a fecundidade e a continuação da vida, é o ciclo constante representado pela cobra que morde a própria cauda. Ele ajudou na criação do mundo e controla os movimentos:

> Oxumaré participou da criação do mundo, enrolando-se ao redor da Terra, reunindo toda a matéria para, enfim dar uma forma ao mundo. Desenhou vales e rios, rastejando mundo afora. Responsável pela sustentação do mundo, controla os movimentos dos astros e oceanos (Barbosa Jr., 2011, p. 48).

Nanã sintetiza em si a morte, fecundidade e riqueza. É uma divindade idosa, representa a ancestralidade e o respeito aos mais velhos. Verger (1997, p. 90) a considera:

> A mais antiga das divindades das águas, não das ondas turbulentas do mar, como Iemanjá, ou das águas calmas dos rios, domínio de Oxum, mas das Águas paradas dos lagos e lamacentas dos pântanos. Estas lembram as águas primordiais que Odùduà ou Òrànmíyàn (segundo a tradição de Ifé ou e Oyó) encontrou no mundo quando criou a terra.

É marcada pela personalidade taciturna e impertinente, porém por ter experiência é muito paciente com crianças por ser uma boa avó, evidenciando serenidade e carinho.

> Senhora da vida (lama primordial) e da morte (dissolução do corpo físico na terra), seu símbolo é o ibiri, feixe de ramo de folha de palmeiras, com a ponta curvada e enfeitado com búzios. Nanã rege a maturidade, bem como atua no lado racional dos seres (Barbosa Jr., 2011, p.44).

As divindades ligadas ao elemento água sempre estão relacionadas à criação do mundo e a fertilidade, sendo a maioria do sexo feminino, com exceção de Oxumaré que possui os dois sexos, no Candomblé a água é a grande mãe criadora da vida e da continuação da mesma.

4.4 Divindades do ar

Oyá é uma divindade das nuvens pesadas e tornados, mas também é relacionada ao elemento ar, as tempestades e aos raios, visto que:

> Oya (Oiá) é a divindade dos ventos, das tempestades e do rio Níger que, em iorubá, chama-se Odòya. Foi a primeira mulher de Xangô e tinha um temperamento ardente e impetuoso. Conta uma lenda que Xangô enviou-a em missão na terra dos baribas, a fim de buscar um preparado que, uma vez ingerido, lhe permitiria lançar fogo e chamas pela boca e pelo nariz. Oiá, desobedecendo às instruções do esposo, experimentou esse preparado, tornando-se também capaz de cuspir fogo, para grande desgosto de Xangô, que desejava guardar só para si esse terrível poder (Verger, 1997, p. 64).

Oxalá é paciente, calmo, tranquilo assume duas formas: oxaguiã jovem guerreiro, e oxalufã, velho apoiado num bastão de prata (apaxoró). Na África, todos os Orixás relacionados com a criação são designados pelo nome genérico de Orixá Fun Fun.

> Òrìsànlá ou Obàtálá, 'O Grande Orixá' ou 'Rei do Pano Branco', ocupa uma posição única e inconteste do mais importante orixá e o mais elevado dos deuses iorubás. Foi o primeiro a ser criado por Olodumaré, o deus supremo (Verger, 1997, p.100).

Oxalá é sábio e como foi o primeiro orixá que iniciou a criação do mundo todos o respeitam muito, em toda sexta-feira da semana evita-se comer carne, sexo, bebidas e veste-se de branco para homenagear o pai criador, portanto: "É o orixá maior, responsável pela criação do mundo e do homem. Pai de todos os demais orixás, Oxalá (Orinxalá ou Obatalá) foi quem deu ao homem o livre-arbítrio para trilhar seu próprio caminho" (Barbosa Jr., 2011, p.67).

Os orixás são personagens do *Itan* que através das narrativas orais resultam como produto arcaico da cultura Africana. Essas narrativas servem, dentre outras funções básicas, para acumulação, armazenamento e transmissão de conhecimentos.

De acordo com Póvoas (2004, p.13), a consistência do *Itan*, a pluralidade dos seus sentidos, é que dá a sua perenidade e, depois, é o que permanece na alma do povo: o sentido. E por isso, porque eles encerram sentido, visto que permanecem na memória e são passados de geração a geração.

5. LENDAS E MITOS

Através das narrativas orais e escritas o homem pôde transpor o imaginário e demonstrar seus sentimentos que a razão não pode explicar fazendo-os assim com que eles sejam mistificados. Essas narrativas são classificadas por uns como lendas e por outros como mitos. Mas afinal o que são lendas e mitos?

O mito tenta contar a história de criação do mundo envolvendo os elementos da natureza e os cosmos, existem dois tipos de mitos: os mitos cosmogônicos e os mitos de origem. Eles têm o objetivo de responder as incógnitas entre o homem e o universo, com base nessas ideologias o mito caracterizou-se com uma relevância sobre o sagrado, sintetizando o bem e o mal, o certo e o errado em caráter religioso.

A narrativa que marca o mito é cercada das proezas dos seres sobrenaturais e do mistério, desse modo dá sentido à cultura. Uma dúvida comum entre muitas pessoas é sobre a veracidade ou não do mito, sabe-se que este está agregado a religiosidade e a moralidade, respeitar esse mito e crer nele como um fato verídico é algo que depende da cultura em que se é inserido.

Antes o mito era visto como verdade absoluta, mas a seguir pode-se notar que seu sentido mudou e atualmente é visto como fato inverídico, assim afirma Fontes (2013, p. 9):

> Originalmente, um mito era entendido como uma verdade absoluta, merecedor de crença profunda e até veneração. Serviam como explicações da origem do homem, do mundo e dos fenômenos da natureza, do desconhecido, do inexplicável. Desde as sociedades humanas primitivas até aos nossos dias, acompanhando a evolução do conhecimento científico, a ideia de mito foi perdendo o seu valor original e passou a ser usado para designar uma história falsa, fantasiosa, inventada, irreal. De alguma forma, o mito perdeu para a História o seu significado de relato verdadeiro, credível e real. Hoje, mito e História são vulgarmente dois conceitos antagônicos.

O mito teve origem na Grécia antiga sendo sinônimo de história exemplar, de uma narrativa que trás ensinamentos, e leva aprendizados, podendo ser também algo verídico que aconteceu. Mas, a veracidade do mito perdeu a credibilidade com a dominação dos romanos sobre os gregos, eles não acreditavam nesses mitos e assim o mito acabou por se tornar sinônimo de mentira.

O fato de o homem moderno ser uma geração marcada pela não crença do mito pode ser atribuído por estar numa sociedade onde a religião é optativa e o estado perante a lei é laico, diante essa situação percebe-se um afastamento das religiões e consequentemente dos mitos que são a fundamentação do sagrado.

Por outro lado, têm-se as Lendas que são mais propagadas pela forma oral possuindo a sistematização e a ordenação da realidade dessa maneira possuindo mais garantia.

> As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, 'legere' possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatros características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distância pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço (Cascudo,1976, p. 348).

Ao combinar a fantasia e o elemento real a lenda tem o objetivo de caracterizar os arquétipos e a temática cultura, sendo assim como o mito uma narrativa que envolve o místico com noção de sagrado podendo não somente, mas também envolver o poder do religioso.

A lenda tem origem em uma determinada região que por ser repassada através da oralidade pode sofrer algumas modificações, mas mantém a explicação de um fenômeno da natureza, da origem do homem ou de costumes de um povo, envolvendo sempre o fato ou façanhas.

Tanto o mito quanto a lenda fazem parte da tradição oral, ambos têm inestimável valor cultural e literário. No entanto, o conteúdo da lenda trata-se de elementos de ficção que podem estar baseados em algum acontecimento histórico, mas que com o passar dos anos foram se enriquecendo com características de fantasia, por isso possui sistematização de realidade.

Já o mito é uma narração que protagoniza personagens sobrenaturais e heroicos, mas que ao invés de narrar acontecimentos históricos procuram explicar a origem do mundo, os fenômenos naturais ou determinados aspectos religiosos vinculados a essa comunidade ou civilização.

6. ANÁLISES DOS RELATOS

As narrativas a seguir foram colhidas no *Ilê Omo Osún*, estas servem tanto para a transmissão de conhecimentos e segredos quanto para a aprendizagem dos textos ritualísticos.

Como se poderá notar nas análises das narrativas yorubás, a ausência da tradição escrita não impede que a oralidade crie a literatura em uma sociedade e ainda repassá-la por várias gerações. O *Itan* citado acima por todos os seis colaboradores chama atenção ao perceber-se que alguns se referem a ele como lenda e outros se referem como mito. Esse é um grande equívoco na cabeça das pessoas que fazem parte da religião do Candomblé e também das pessoas que mesmo não pertencendo à religião, conhecem e estudam o *Itan*.

Para ajudar a identificar se essas narrativas são mitos ou lendas o estudo do *Itan* recolhido no Ilê Omo Osún serve de base para o estudo das características de mito. Vê-se que explicam a origem do mundo como no Itan "A criação do mundo" narrado na *Entrevista 01*, com o *Babalorixá José d'Oxum*, pode-se perceber que envolve acontecimentos relativos a criação dos cosmos, são "mitos cosmogônicos", estes narram a origem e evolução da Terra:

> **"A criação do mundo"**
> Deus o criador do universo, na cultura Yorubá chamado de Olodumaré, enviou para o universo o orixá da criação, Oxalá, logo ele criou o mundo, porém faltava vida, percebendo que precisava de água para gerar vida, Olodumaré pediu a Yemanjá e a Oxum que fossem á Terra e resolvessem isso. Oxum com sua feminilidade criou rios e cachoeiras com água doce e Yemanjá cobriu parte do planeta com a água salgada criando os oceanos. Á Omolu, Olodumaré encarregou que criasse a terra, solos firmes e férteis e a

> Nanã que criasse o barro, desse barro seria feito o homem, mas somente o próprio Olodumaré o daria vida. Ao ver que a terra precisava de alimentos, animais e vegetais, Olodumaré enviou Oxóssi o rei da floresta que criou a fauna e a flora, sobre as ervas e plantas medicinais enviou Ossain. Nas matas fechadas que Oxóssi criou precisaram ser abertos caminhos para facilitar a transição no mundo, então Ogum veio com suas ferramentas de ferro forjadas por ele mesmo e abriu caminhos. A Terra precisava de chuva então o Deus criador pediu que Ewá evaporasse as águas dos rios e oceanos formando-as em nuvens e seu irmão gêmeo Oxumaré desfizesse essas nuvens transformando-as em chuvas, desceram também Oyá e Xangô, ela com o raio e os ventos e ele com o trovão e as pedras, eles trouxeram o fogo ao mundo. Vendo que o mundo precisava de humanos Exú ficou responsável pela sexualidade entre eles e para que assim se reproduzissem. Foi assim que Olodumaré criou o mundo, com a ajuda dos orixás e os deixou que ficassem por aqui ajudando seus filhos (os humanos) e os auxiliando para que sempre possam fazer o bem **(Entrevista 01 — Babalorixá José d'Oxum)**

Já na *Entrevista 02*, *Maria d' Oxum* nos diz que Exú deve ser primeiro a ser agradado, assemelha-se as características do "mito cultural" pois procuram dar uma explicação do início de um costume. Neste caso, o Itan explica o motivo pelo qual o orixá Exú deve ser o primeiro a receber oferendas dentro do culto do Candomblé.

> "**Exú é o primeiro que deve ser agradado"**
> Os orixás reuniram-se para discutir os últimos acontecidos na Terra e cada um levou um prato com sua comida preferida para cearem juntos. Foi organizado um grande banquete, e a maioria estava lá, só faltou Exú que havia se atrasado. Os orixás não quiseram esperar e se serviram, porém a comida havia acabado e quando Exú chegou não haviam deixado nada para que ele matasse a fome. Exú ficou irado de raiva e foi se queixar com Olodumaré que determinou que a partir daquele dia Exú seria o primeiro orixá a ser servido, não importava qual fosse a ocasião, os outros só comeriam depois dele **(Entrevista 02 — Maria d' Oxum)**

A narrativa da *Entrevista 03*, *Pedro d'Oxúm* relata a rivalidade entre Oxum e Obá:

"A maldade de Oxum contra Obá"

Xangô era o rei de Oyó, guerreiro, justiceiro, determinado, ele tinha três esposas, eram elas: Obá, Oxum e Oyá. Obá, senhora dos redemoinhos era uma guerreira muito dedicada ás suas batalhas, possuía um porte masculinizado e não tinha tempo para a feminilidade, nem cuidar da casa e do esposo. Já Oxum, senhora das águas doces, não era guerreira, era mais vaidosa e feminina, tinha tempo de se cuidar e gostava de se olhar no espelho, se perfumar, cuidar da beleza e também cuidava da casa, gostava de agradar seu esposo quando ele chegasse das batalhas. Oyá é a senhora dos ventos e raios, estava sempre ao lado do esposo realmente, o acompanhava em todas as suas viagens e batalhas, também era muito bela. Certo dia Obá se sentindo desprezada pelo marido decidiu conversar com Oxum que estava usando um belo turbante dourado cobrindo as orelhas, muito bonito por sinal. Admirando a beleza de Oxum, obá perguntou: − Oxum, o que você faz para que Xangô te dê tanta atenção? Oxum muito treteira se aproveitando da ingenuidade de Obá, estava com uma gamela em mãos, apenas respondeu: − É muito simples Obá, eu cortei uma orelha e coloquei no amalá (uma das comidas preferidas de Xangô). Dando uma risada Oxum saiu. Obá ficou pensativa e decidiu fazer como Oxum disse que fez, então cortou a própria orelha e colocou-a sobre a comida que cozinhou pra Xangô. Xangô havia acabado de chegar de uma de suas batalhas, estava cansado e faminto, e Obá levou o amalá que havia preparado. Quando Xangô se deparou com aquele amalá com uma orelha humana sangrando no meio de sua comida, ficou muito furioso e deu um grito enorme. Ao perguntar a Obá o que havia acontecido ela contou que somente agora havia percebido que fora enganada por Oxúm que mentiu sobre ter cortado sua orelha. Xangô quis matar as duas, mas elas fugiram em forma de rio. Assim surgiram dois grandes rios da África, Oxúm é a dona das cachoeiras e águas tranquilas já Obá é dona da correnteza e da foz do rio. Até hoje Obá e Oxum se odeiam. Assim o rei Xangô ficou com sua rainha Oyá que era mesmo quem estava mais presente com ele **(Entrevista 03 — Pedro d'Oxúm)**

Da mesma forma que se observou na entrevista anterior, a *Entrevista 04*, de *Roberto d'Oxúm*, lê-se que a curiosidade de Oyá também narra um "mito natural", pois retrata os poderes que tem a senhora dos ventos, Oyá.

"A curiosidade de Oyá"

Ossain havia recebido de Olodumaré o segredo das ervas, assim elas vieram a Terra, no intuito de ajudar o homem e curar doenças dentre

> outras funções. Estas eram de propriedade de Ossain e não dava a ninguém. Até o dia em que Xangô se queixou a sua mulher Oyá, senhora dos ventos, que somente Ossain sabia dos segredos das folhas. Isso despertou a curiosidade de Oyá, que foi procurar Ossain, ao encontra-lo viu uma cabaça pendurada numa árvore, nessa cabaça ele guardava o seu segredo. Querendo descobrir o que havia dentro da cabaça. Oyá criou um vento muito violento que acabou derrubando a cabaça e o segredo acabou se espalhado em forma de folhas. Cada orixá pegou uma folha acreditando possuir parte do segredo, porém apesar das folhas espalhadas apenas Ossain sabia como usá-las e assim os segredos das ervas continuaram pertencendo a Ossain **(Entrevista 04 — Roberto d'Oxúm)**

Na narrativa da *Entrevista 05*, *Carlos d'Ogun* fala do arrependimento de Ogun possui características do Mito etimológico, este retrata as questões morais sendo que nesse *Itan* Ogun num ato de raiva se descontrola matando algumas pessoas e depois usando de bom senso e moral acaba se arrependendo, este *Itan* também é um "mito teológico", pois explica como Ogum se tornou uma divindade sagrada.

> **"O arrependimento de Ogun"**
> Ogun é orixá guerreiro, nunca teve morada certa, é o senhor que abre caminhos mundo a fora, ele era o pai do rei de Irê. Certo dia foi visitar seu filho depois de muito tempo longe. No dia que chegou esperava uma festa quando o vissem como era de costume ser bem recebido, mas quando chegou ninguém o reconheceu e também não falaram com ele e não respondiam suas perguntas. O que Ogun não sabia era que naquele dia estava sendo celebrado um voto de silêncio, aonde as pessoas não podiam falar em hipótese alguma. Ogun não sabia de nada e ser ignorado atiçou sua ira que saiu quebrando tudo com sua espada e não se contendo decapitou a cabeça de algumas pessoas que se aproximaram dele. Até que seu filho apareceu para explicar sobre o voto de silêncio que acontecia naquele dia. Arrependido Ogun lamentou sua atitude nervosa e apontou sua espada para o chão pronunciando algumas palavras pedindo a Olodumaré que o tornasse orixá, e assim foi concebido. **(Entrevista 05 — Carlos d'Ogun)**

Por fim, na *Entrevista 06*, *Paulo d'Logun Edé* narra sobre Logun Edé, menino teimoso, que possui características de lendas do tipo "pessoal" e "local". Pessoal por tratar Oyá como heroína e Obá

como vilã, e características locais por tratar-se de estar vinculada ao encontro de dois rios de uma localidade africana.

> **"Logun Edé, menino teimoso"**
> Logun Edé é filho de Oxum e de Oxóssi, o mesmo vivia num acordo feito com por sua mãe e por seu pai, vivia seis meses com Oxum nas águas dos rios e seis meses com Oxóssi nas matas. O menino nadava feito um peixinho assim como a mãe, Oxum sempre o supervisionava e o orientava para não ir para a parte mais turbulenta do rio, pois lá era fundo e perigoso e pertencia a sua inimiga, Obá. Como Oxum já havia usado de suas artimanhas maquiavélicas para prejudicar Obá tinha medo que ela quisesse se vingar no menino. Logun era uma criança teimosa e não ouviu nada do que disse sua mãe, foi nadando, nadando e quando deu por si já estava num local onde o curso das águas de Oxum acaba; estavam na foz do rio, onde ele deságua no rio de Obá sendo afogado por ela. Ao ouvir os gritos Oxum ficou desesperada, mas não podia fazer nada porque ali não eram águas do seu domínio, então ela clamou para que Olodumare salvasse o seu filho. Olodumaré então pede a Oyá, a senhora dos ventos para salvar o menino, ela logo cria um tornado na água que arremessa Logun Edé para fora do rio. Oyá ficou encarregada de adotar o menino e terminar de criá-lo
> **(Entrevista 06 — Paulo d'Logun Edé)**

O mito apesar de não ter lógica alguma são narrativas que procuram dar razão aos fatos, justificando a origem do mundo, ainda que não expliquem os fatos corretamente para a ciência, eles mostram uma realidade paralela que não pode ser examinada e comprovada, e por esse motivo é visto como algo fantasioso, uma invenção, mentiras criadas pelos povos antigos.

A lenda apesar de fazer uso da fantasia, misturam fatos históricos combinando a fantasia e o elemento real a lenda tem o objetivo de caracterizar os arquétipos e a temática cultura. Então o *Itan* pode ser considerado mito por uns e lendas por outros, pois sua literatura nos dá características de mitos e lendas, porém ela não pode ser os dois ao mesmo tempo, isso vai depender da crença ou não particular de cada um que tem acesso ao *Itan*.

Algumas pessoas acreditam que o *Itan* seja os mitos do *panteão africano*, veem os orixás como Deuses da religião do Candomblé, porém são pessoas que não fazem parte da religião, e

não acreditam no *Itan* como algo que já aconteceu, neste caso o *Itan* é mito, pois não há ordenação com a realidade.

Por outro lado há as pessoas que fazem parte do Candomblé, e acreditam que o *Itan* seja algo real que aconteceu há muito tempo atrás, e que os orixás eram nossos ancestrais, homens e mulheres que viveram na Terra e foram divinizados, neste caso o *Itan* é uma lenda, pois apesar de combinar a fantasia e o elemento real, a lenda tem o objetivo de caracterizar os arquétipos exatamente o que acontece com o *Itan* quando individualiza cada pessoa como filho de um orixá.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutiu-se o conceito de mito e lendas, no sentido de fazer uma definição sobre a maneira de analisar de cada um que tem acesso ao *Itan,* de acordo com a crença particular.

A relação entre o *Itan* e *a* literatura é evidente e não deixa dúvidas de que este se estrutura sobre as características dos elementos da narrativa. O *Itan* está marcado pela necessidade que os terreiros têm do uso da tradição oral como parte integrante de seu universo, dos rituais e da própria identidade.

O *Itan* é um objeto tem seu surgimento através da oralidade, descrevendo os Orixás como personagens fundamentais pelo desempenho do enredo e em suas ricas características que possuem relações tanto com o mito quanto com a lenda, de maneira que a visão de mundo de quem o lê é determinante para sua classificação enquanto mito ou lenda.

Espera-se que este trabalho venha a contribuir para o discernimento do *Itan*, de modo que através dessa literatura sejam resgatadas a beleza, a nobreza e os ensinamentos dos Orixás, da cultura africana no Brasil. Por fim, espera-se que isso ajude na luta contra o preconceito e estigmatização de que os orixás e suas narrativas façam parte de uma religião do mal.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos. **A b c dos orixás**. São Paulo: Círculo do livro, 1993.

ARINOS, Afonso. **Lendas e tradições brasileiras**. Rio de Janeiro: Briguiet e Cia, 1937.

BARBOSA JR., A. **O essencial do Candomblé**. São Paulo: Universo dos livros, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Brasília: J. Olympio, INL, 1976.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo. Perspectiva, 1972.

FONTES, Vítor José de Oliveira. **O potencial didático dos mitos e das lendas na educação histórica**. Porto, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Itan dos mais-velhos**: contos. Ilhéus: Editus, 2004.

VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia**. Disponível em «http://afrologia.blogspot.com.br/2008/03/tradio-oral-e-sua-metodologia.html». Acesso em 30 out. 2016.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás, deuses iorubas na África e novo mundo**. Salvador: Corrupio, 1997.

SOBRE OS AUTORES

Ana Paula Moraes Santos Souza
Mestra em Educação pela Universidade Regional do Cariri - URCA (2024). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos - FIP (2009) e em Gestão Escolar com ênfase em Coordenação e Supervisão Escolar pela Faculdade Latino Americana de Educação - Flated (2016). Licenciada em Letras pela Universidade Regional do Cariri - URCA (2009) e em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri - URCA (2024). Professora de Língua Portuguesa da Secretaria da Educação do Ceará - Seduc/CE. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática, Docência e Educação (GEPEDE). Desenvolve pesquisas nas áreas de formação de professores, narrativas (auto)biográficas e história de vida.
E-mail: ana.moraes@urca.br

Daniela Barreto de Souza
Artista plástica, Ludoterapeuta do Centro de desenvolvimento para crianças neurodivergentes no município de Salitre - CE. Com dezesseis anos de experiência no desenvolvimento de projetos e atividades em programas e serviços sociais. Bacharela em Administração Pública pela Universidade Estadual do Ceará, Licenciada em Letras pela Universidade Regional do Cariri, com especializações em Língua Portuguesa e Arte Literária, Literatura, Cultura e Ensino da Arte, Arteterapia, Ludoterapia, Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica e Psicopedagogia. Estudante de Serviço social e Terapia ocupacional, sempre em busca de desenvolver conhecimento em diversas áreas.
E-mail: danybarreto1@hotmail.com

Dinajilas Gomes de Melo Santos
Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Pós-graduanda em Metodologia do Ensino História pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI); Membro do Núcleo de Pesquisa em "Ensino, História e Cidadania" (NUPHISC). Desenvolve pesquisas voltadas para a área de questões étnico-raciais e Ensino de História.
E-mail: dinajilas.gomesdemelosantos@urca.br

Cicera Mônica Rodrigues da Silva
Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER); Mestra em Educação e Ensino pelo Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE/UECE); Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em "Ensino, História e Cidadania" (NUPHISC); Pesquisadora do Núcleo de pesquisa em "Marx, Classes Sociais, Estado, Ideologia e Revolução". Desenvolve pesquisas na área de formação inicial e continuada de professores(as), políticas educacionais, programas de formação inicial, saberes e práticas docentes.
E-mail: cicera.monica@aluno.uece.br

Francisca Sabrina Cordeiro de Oliveira
Licenciada em Letras pela Universidade regional do Cariri – URCA (2024). Atualmente dedica-se ao estudo de línguas modernas e cultura africana em geral.
E-mail: sabrina.oliveira@urca.br

Thaillane de Souza Nobre
Graduada no curso de Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) tendo como área de interesse e desenvolvimento de pesquisa questões dos Direitos Humanos, Recursos Humanos, Relações Étnico Raciais, Feminismo Negro e Desigualdade Social com especializações no campo de Relações

Internacionais, Diversidade e Inclusão, Comércio Exterior e MBA Executivo em Gestão de Negócios Internacionais.
E-mail: thaillanenobre@outlook.com

SOBRE OS ORGANIZADORES

Adílio Junior de Souza
Doutor e mestre em Linguística (Proling/UFPB, 2015-2020). É Professor Assistente de Língua Latina e História da Língua Portuguesa no Curso de Letras da URCA, campus Cariri, Missão Velha - CE. Participa do Projeto de Pesquisa Linguística do Discurso (PPGL/URCA), Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base (TLB/UFPB) e Grupo de Estudos de Língua Latina de Manaus (GELLAMA/UFAM). É membro da Associação Brasileira de Professores de Latim (ABPL). Desenvolve pesquisas em Linguística, Filologia e Língua Latina. É autor/coautor de artigos e capítulos em periódicos e em livros na área da Linguística, Ensino de Latim, Literatura e Filologia.
E-mail: adilio.souza@urca.br

Mabell Sales Batista Pinho
Mestra em Educação e Pedagoga pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Atualmente está como professora temporária no departamento de Educação, curso de Pedagogia - URCA. Atuou como docente no curso de licenciatura em Letras da Universidade Regional do Cariri (Campus Cariri de Missão Velha - CE). Possui também experiência docente atuando no curso de Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR-URCA). Experiência docente na educação básica, nos níveis educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática, Docência e Educação - GEPEDE (URCA/UFC), bem como do Grupo de investigação em Arte, Ensino e História (IARTEH/UECE). Realiza pesquisas na área de Formação de professores, currículo, ensino, com ênfase em pesquisas (Auto)biográficas, Histórias de vida e na Canção Popular urbana do Cariri cearense.
E-mail: mabell.sales@urca.br

Maria Dálete Alves Lima
Mestre em Educação pela Universidade Regional do Cariri-URCA (2022), Graduada em Serviço Social pela Faculdade Leão Sampaio (2015), Especialista em caráter de Residência Multiprofissional em Saúde com ênfase em Saúde Mental Coletiva, do Programa de Residência Integrada em Saúde - RIS da Escola de Saúde Pública do Ceará - ESP/CE (2017) e Especialista em Gestão Pública em Saúde pela Universidade Estadual do Ceará- UECE (2019).
E-mail: dalete-ce@hotmail.com

A coletânea *Escritos antirracistas: múltiplas perspectivas* resulta da parceria entre pesquisadores da Universidade Regional do Cariri durante os anos de 2024 e 2025, reunindo pesquisas que abordam desde a temática antirracista, das relações étnico-raciais presentes na literatura infantil, passando ao estudo da presença negra no meio social, evocando vozes negras nos mais diversos espaços, discute, também, a mitologia de matriz africana e os africanismos presentes na língua portuguesa.

Pedro & João Editores
20 Anos
pedroejoaoeditores.com.br